

a J.K. Rowling,  
bruxinha boa que nos deu um mundo novo.

“Investigue a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas.” –

Santo Agostinho (*Livro dos Espíritos*)

## NOTA DO AUTOR:

Em uma entrevista com J.K. Rowling, autora da série Harry Potter, um fã norte-americano lhe perguntou se ela algum dia escreveria um livro sobre uma escola de bruxaria nos Estados Unidos. Ela respondeu que não, "... mas fique à vontade para escrever o seu."

Sentindo-me autorizada pela própria Sra. Rowling, resolvi aceitar o desafio: Como seria uma escola de bruxaria no Brasil? Especificamente para este primeiro livro, como seria uma escola de bruxaria no Rio de Janeiro? Certamente não tão completa, nem tão perfeita, quanto uma escola britânica. Talvez ocorressem algumas falcatruas aqui, outras maracutaias ali... certamente trabalhariam nela alguns professores geniais, porém mal pagos. Com certeza não seria em um castelo. Faltaria verba para tanto. Mas, quem sabe, dentro de uma montanha. Há centenas no Rio de Janeiro. Algumas bem famosas.

Como um bom brasileiro, Hugo, meu personagem principal, também não seria tão certinho quanto Harry. Nem tão ingênuo a respeito das realidades duras da vida. Órfão? Não. Filho de mãe solteira e pai sumido; como tantos que moram nas comunidades pobres da Cidade Maravilhosa. Esperto, arisco, inseguro, amedrontado até, mas se fingindo de forte, para sobreviver.

Essa era a ideia básica, mas que depois cresceu e tomou uma proporção muito maior do que eu jamais imaginara. Os personagens foram ganhando vida própria, personalidade... até saírem completamente de meu controle. Às vezes, ao longo da escrita, eu

chegava a me surpreender com algumas de suas reações; completamente alheias ao que eu havia planejado, mas que combinavam perfeitamente com quem eles eram.

Até que chegou um dia em que eu, morrendo de rir do absurdo que eu mesma acabara de escrever, parei tudo e liguei para um de meus melhores amigos, perguntando: “E agora, o que eu faço? Como tiro Hugo dessa enrascada em que ele acabou de se meter por causa da língua afiada dele?”

Meu amigo, confuso, perguntou: “Você não pode simplesmente mudar o que ele disse?”

“Não! Não posso! Ele não responderia de nenhuma outra forma.”

“Ué, por que não?”

Porque ele é o Hugo! E o Hugo é indomável.

# PARTE 1

## CAPÍTULO 1

# A NOITE DO CAMALEÃO

*Arcos da Lapa, nº 11.*

*Arcos da Lapa, nº 11...* Idá repetia para si mesmo, ainda ofegante.

Que tipo de endereço era aquele? Os Arcos da Lapa eram um monumento, não uma rua.

Caminhando um pouco trôpego, tentava ignorar a ardência nas pernas. Os cortes haviam voltado a sangrar e sua mochila pesava mais do que nunca nas costas, apesar de não comportar mais do que alguns cadernos. Já passava das quatro da madrugada, mas os bares permaneciam abertos nas ruas imundas do centro da cidade. Pessoas cantavam e dançavam nas calçadas, esbaldando-se em fritura e cachaça, soltando gargalhadas como se nada no mundo as preocupasse.

Em um dia normal, Idá até poderia ter se juntado à bagunça.

Mas aquele não era um dia normal e Idá não estava no clima para festejos. Como poderia estar?

Seguindo pelo meio da avenida, tentava transferir sua tensão para a moeda de prata que revirava entre os dedos. Era uma moeda grande, com um sujeito gordo e esquisitão estampado em ambas as faces. O rosto lhe era familiar, mas não se lembrava onde o vira antes.

Também, pouco importava. A moeda era só uma desculpa para que ele pensasse em outra coisa que não seus problemas.

O que diabo ele estava fazendo ali? Aquela carta tinha tudo para ser uma armadilha. Uma armadilha meticulosamente planejada para arrastá-lo a um lugar escuro e deserto onde pudessem acabar com ele sem muitas testemunhas.

*... Arcos da Lapa, nº 11...*

Parece criança, Idá! Treze anos na cara e ainda acreditando em contos de fada!

Idá Aláàfin, um bruxo. Sei... conta outra.

O que tinha dado nele?! Ele não era de agir sem pensar!

Agora já era. Ele não podia nunca mais voltar para casa. Se voltasse, a morte era certa. Uma morte lenta e dolorosa.

Com aquela gente não se brincava... e Idá tinha mais do que passado da conta. Agora lá estava ele, no meio da Lapa – de madrugada – foragido, com uma ameaça de morte no pescoço, tentando se convencer de que era, de fato, um bruxo, e de que aquela maluquice toda era verdadeira.

Uma multidão trouxe sua mente de volta ao centro da cidade. Saltitavam alegres pelo outro lado da avenida, cantando marchinhas antigas de carnaval.

Idá apertou o passo e virou a esquina. Armadilha ou não, quanto mais rápido ele chegasse ao seu destino, mais cedo saberia.

A praça estava um verdadeiro lixão. Eram restos de fantasia espalhados por todo lado; máscaras, espadas de borracha, aventais de empregada, chapéus de caubói... Tudo cheirando a cerveja e urina. Uma verdadeira imundície.

O carnaval não ia acabar nunca?

Idá parou no meio da rua, procurando se acalmar.

Então, o que fazer?

O primeiro passo era parecer confiante. Um menino de 13 anos, sozinho, na Lapa, numa hora daquelas, assustado e mancando, não era boa coisa. Isso ele aprendera desde cedo: parecer um alvo fácil era o primeiro passo para se tornar um alvo fácil.

Ele precisava se recompor. Esquecer a sentença de morte que pairava sobre sua cabeça. Aquela carta tinha que ser verdadeira. Ele era bruxo. Tinha que ser bruxo.

Respirando fundo, Idá esticou a coluna, fixou o olhar a sua frente e decidiu andar com passos firmes. Nada de olhar para o chão. Talvez um passo mais malandro, mais despreocupado fosse melhor. Muita rigidez chamaria atenção num bairro boêmio como a Lapa.

Idá amoleceu o corpo, adicionando um certo gingado aos passos. Seus amigos não o chamavam de camaleão à toa.

Já a bermuda imunda e as pernas sangrando não eram tão fáceis de disfarçar. Talvez a escuridão ajudasse.

Estava se aproximando dos Arcos. Mais alguns passos e Idá avistaria o antigo aqueduto transformado em ponto turístico; a tal entrada mencionada na carta.

Aquilo não fazia sentido. Os Arcos da Lapa podiam ser tudo, menos uma entrada para qualquer lugar. Era uma ponte, sustentada por Arcos gigantes, que levava do nada ao lugar nenhum. E de bonde ainda por cima, para cobrar passagem.

Mas Idá estava se distraíndo. Precisava manter o foco; um homem duvidoso se aproximava. Semblante ameaçador; as mãos enterradas nos bolsos da calça. Podia estar armado. Podia ser um dos comparsas do Caiçara.

Seu coração acelerou, mas ao invés de desviar o olhar, Idá fixou seus olhos nos do homem. Isso demonstraria que não tinha medo; que sabia das coisas.

Talvez tamanha segurança desencorajasse o ataque. Tudo dentro de si implorava que saísse correndo, mas Idá prosseguiu decidido na



direção do homem que, para sua surpresa, arregalou os olhos ao notar sua aproximação e saiu correndo rua afora como se o garoto fosse a Peste Negra.

“Eu tenho cara de bandido, é!?” Idá gritou atrás dele, puto da vida, chutando uma cadeira de plástico na direção do covarde, que já desaparecia em disparada por uma das ruelas laterais. “*MANÉ!!!*”

Revoltado, Idá virou a esquina.

Lá estavam os Arcos, majestosos, como uma ponte imensa erguendo-se por cima de um rio de ruas e calçadas.

O endereço na carta era bem claro, mas não existia:

*Arcos da Lapa, número 11. Centro.*

*Rio de Janeiro, RJ, Brasil.*

Idá parou a alguns metros do velho aqueduto. Deviam ser uns trinta ou quarenta Arcos enfileirados no primeiro nível daquele colosso arquitetônico, e mais uns trinta no segundo. E, lá no alto, os trilhos do bonde.

*Número 11...*

*Arco número 11, talvez? Se Idá os contasse da esquerda para a direita...*

O primeiro Arco descia por uma ladeira obscura. Os outros iam intercalando ruas e calçadas até o fim do aqueduto, lá do outro lado. O Arco de número 11 se abria numa calçada larga, bem entre uma rua e outra.

Em sua parede interna não havia qualquer porta ou entrada, nem marcas que pudessem...

Idá apalpou a parede à procura de um botão, uma alavanca, o que fosse, mas só encontrou pichações e manchas de urina.

A única instrução na carta era curta demais para seu gosto:

*Por obséquio, entrar de costas.*

Idá estava era entrando em desespero. Entrar de costas onde??? Se aquilo tudo fosse mentira, ele estava ferrado.

Mas não podia ser mentira. Não depois de tudo o que ele tinha visto.

Certo. Idá se afastou e respirou fundo.

Próximo passo: procurar gente estranha. Se bruxos realmente existiam, seriam, no mínimo, estranhos. Disso ele tinha certeza.

Idá olhou ao seu redor. Mendigos, bêbados, palhaços, loucos... sambistas... Estranho era ser normal na Lapa. Mas ele procurava outro tipo de estranho; um tipo mais escondido, daqueles que não desejam chamar atenção.

Isso já eliminava boa parte da lista anterior.

A lógica que estava usando era simples: se ele nunca vira bruxos antes, deviam viver escondidos. Escondidos, mas nem tanto. Como aqueles detalhes do dia a dia que nunca são notados mas que estão lá para qualquer um ver quando quiser. Talvez morassem nos mais de cinco mil imóveis abandonados do centro da cidade. Eram centenas de casarões e sobrados antigos; a maioria caindo aos pedaços...

Sua cabeça latejava.

Esgotado, Idá apoiou a testa na parede fria do Arco.

E foi então que viu, de canto de olho, um – não, dois sujeitos estranhíssimos saindo de um... o que era aquilo? Um bar? Parecia mais uma casa em estado de iminente desabamento, espremida entre outros casarões igualmente em ruínas.

Sentindo uma corrente de entusiasmo subir a espinha, Idá se desgrudou do Arco e pôs-se a segui-los. Ambos vestiam mantos

compridos e grossos. Grossos demais para o verão carioca. O mais jovem devia ter uns vinte e poucos anos. Tinha os cabelos negros revoltosos e um brinco de prata na orelha. Já o mais velho, um pouco careca e decididamente menos simpático, vestia um manto roxo cintilante.

Tem gosto pra tudo nesse mundo.

De uma coisa Idá tinha certeza: aqueles trajes eram de muito boa qualidade para serem meras fantasias de carnaval.

Os dois andavam num passo despreocupado, como se não temessem a aproximação de qualquer ladrão ou pivete – o que era uma insanidade, visto que o mais velho parecia um verdadeiro cabide de tantos colares e joias que levava no pescoço. No entanto, a postura esbelta deles e seus passos suaves e silenciosos não condiziam nem com loucos, nem com bêbados. O mais jovem até brincava com o que parecia ser uma varinha, girando-a por entre os dedos de uma das mãos.

Mantendo-se nas sombras, Idá foi se aproximando. Largou o gingado assim que atravessou a rua e endireitou a coluna, adotando a pompa dos dois.

“*O Lazai não faz ideia!*” o mais jovem dizia com entusiasmo.

“Aquele ali é mais perdido que a Biblioteca Real.”

“Se Justus fosse político, não deixava aquilo acontecer.”

“Se Justus fosse político, NADA aconteceria. A política implora por corrupção...”

Seguindo-os bem de perto, Idá tentava não perder uma única palavra do que diziam. Para um par de bruxos – se é que eram bruxos – estavam falando alto demais, sem a mínima cautela, como se fossem os únicos providos de aparelho auditivo no Centro da cidade. E sobre assuntos do mundo deles, ainda por cima, porque Idá nunca ouvira falar em uma tal de Zoroasta Maria Leopoldina Isabel Xavier Gonzaga da Silva, cujo nome o mais velho mencionara com certo desprezo,

poucos segundos depois, nem muito menos tivera notícias de que a Grã-Bretanha estava na iminência de ser destruída por um psicopata assassino e sua gangue.

“Você devia se misturar mais com os Azêmolos, Paranhos. Pega mal passear vestido assim. O Ustra chamaria de estupidez.”

“Ustra não sabe de nada.”

“E o padrinho, não sabe? Ele aprova o modo como me visto. Diz que chamo menos atenção.”

“Teu padrinho aprova coisa demais”, o mais velho resmungou, e Idá voltou os olhos para si mesmo. Bruxos ou não-bruxos, Idá não podia aparecer para aqueles ilustres desconhecidos vestido daquela maneira.

Passando os olhos pelas fantasias abandonadas no asfalto, encontrou uma cartola de feltro jogada perto de um bueiro, logo atrás de uma máscara do Freddy Kruger. Era um pouco mais larga do que sua cabeça, mas não chegava a tapar sua visão. Teria de servir.

Deixando-os ganhar distância, atravessou a rua e vestiu um traje de mágico que avistara numa mesa de bar. Batendo os confetes dos ombros, dobrou as mangas para que pudesse ao menos ver suas mãos, e fechou os botões até o pescoço, conseguindo cobrir a camiseta, mas não a bermuda.

Vendo que os sujeitos já se adiantavam por uma outra rua, Idá voltou a segui-los. Seus passos agora suaves como os deles, já sem qualquer traço de malandragem.

No entanto, ainda não se julgava apto a apresentar-se. Observava seus trejeitos, seu linguajar, seu modo de andar... até seus tiques nervosos. O mais jovem, por exemplo, de meio em meio minuto tirava um relógio de bolso do colete.

Pareciam europeus antiquados, e um tanto esotéricos ao mesmo tempo. Idá tinha a estranha sensação de já ter visto tipos assim rondando a favela.

“... Ouvi dizer que ele criou a inquisição para acabar com a concorrência.”

A observação do mais jovem provocou um riso incrédulo no companheiro.

“Não, não! É sério! Acabou com todos os bruxos que quis, sem sujar as mãos! Brilhante.”

“As pessoas dizem cada coisa... Mas devo confessar que não teria sido má ideia.”

“Dizem até que, às vezes, ele ainda usa o serviço de Azêmolas”, o jovem adicionou, baixando a voz como se dizer aquilo fosse um grande pecado.

“Isso já é se rebaixar demais...”

“Eu acho genial.”

“Azêmola nenhum tem chance contra o mais tapado dos bruxos.”

O coração de Idá deu um salto.

Bruxo? Ele definitivamente ouvira “bruxo”!

Um sorriso de alívio se abriu por detrás da sombra de sua cartola. Era a confirmação de que precisava. Estava a salvo.

Idá apressou o passo com ânimo redobrado. Os bruxos pareciam ter encontrado seu lugar de destino: um sobrado tão ou mais arruinado que o anterior.

Sua teoria sobre casarões abandonados começava a se confirmar. Quase desabando, a porta da frente era guardada por um homem mal-encarado vestido de preto. Segurava firme uma varinha de ferro do tamanho de seu antebraço.

Se a pergunta indesejada surgisse, Idá não daria seu nome. De jeito nenhum. Idá Aláàfin... Aquilo não era nome de gente. Precisava de um nome mais... poderoso, sei lá... Além do que, seu nome verdadeiro atrairia o Caiçara, e Idá queria se ver longe daquele lá.

“Dê um crédito aos Azêmolas, Paranhos”, o mais jovem insistia ao se aproximar da porta. “Eles têm seus momentos.”

Idá precisava abordá-los antes que entrassem.

O mais velho negou veementemente com a cabeça, “O que um asno sem poder faria contra um Ava-Îuká?”.

“Bom...” o mais jovem titubeou, vendo-se sem argumento, mas Idá já não prestava mais atenção na conversa.

Não conseguia acreditar no que estava vendo: as paredes do sobrado, antes cinzentas, agora eram de um amarelo delicado, sem qualquer defeito na pintura; as enormes rachaduras haviam desaparecido da fachada e o mais alvo granito envolvia portas e janelas – cada canto adornado com pequenas estátuas de seres que ele não reconhecia, mas que eram simpáticos, apesar de sua esquisitice...

Idá não tinha mais tempo para perder com aquilo.

“Com sua licença, meus senhores”, ele os interrompeu, impostando a voz e tentando não parecer tão embasbacado com o que acabara de ver, “Poderiam me ajudar com um probleminha que tenho?”

Os bruxos se viraram com certo receio, mas relaxaram ao verem que se tratava apenas de um menino.

Antes que pudessem dizer qualquer coisa, Idá continuou: “Não conheço muito bem esta parte da cidade e não queria ter de perguntar para qualquer Azêmola por aí. Duvido que saberiam.”

Azêmola. Aquela, de todas as outras palavras, tinha chamado sua atenção. Sabia que *Azêmola*, no dicionário, significava idiota, asno, trouxa, porque o azêmola do seu professor de português do ano passado não sabia chamar seus alunos de outra coisa. Mas nunca ouvira aquele termo sendo usado da maneira como os dois o haviam usado.

Pelo contexto, Idá achava que tinha uma certa ideia do que significava; e pela cara de alívio que os dois fizeram ao ouvir a palavra, havia acertado em cheio: azêmola eram todos aqueles que não eram o que eles três eram. Bruxos.

O mais velho olhou-o de cima a baixo, detendo-se nos chinelos de dedo.

“Última moda na Europa”, Idá se apressou em dizer, e os dois ficaram instantaneamente interessados.

“Verdade??” o mais jovem se adiantou, fitando os chinelos como se fossem feitos de ouro. “Onde se compra um desses?”

“Bom... Não são muito fáceis de encontrar por aqui”, Idá mentiu, tirando segurança não sabia de onde para dizer tamanho absurdo. O Brasil praticamente vomitava chinelos de dedo.

O mais jovem estava prestes a formular outra pergunta sobre aquela misteriosa obra de arte europeia que Idá usava nos pés quando o mais velho o interrompeu: “Não encha o menino de perguntas, Bismarck” e estendeu sua mão, “Sou Graciliano Barto Paranhos Correia. Em que posso ajudá-lo, meu jovem?”

Idá apertou-a com firmeza e tirou do bolso da bermuda uma carta amassada. “Gostaria de saber como devo entrar nos Arcos. Aqui não explica direito.”

Graciliano desdobrou o papel com mais delicadeza do que Idá usara para enfiá-lo no bolso. “Ah, sim! ‘Por obséquio, entrar de costas’” ele riu, entregando-a de volta. “Não sei porque o Conselho insiste em não dar instruções mais detalhadas. Você não é o primeiro a me perguntar isso, rapaz. Acredite.”

Idá sorriu aliviado.

“É uma ocorrência bastante comum, na verdade, até para quem tem pedigree.”

“Ah, então eu não sou o único com pedigree a fazer confusão, que bom” Idá disse, sem pestanejar.

Pelo modo como Graciliano, de imediato, se tornou ainda mais simpático, ser filho de bruxos contava muitos pontos. “Sempre desconfiei que essa imprecisão nas cartas de matrícula fosse um plano do Conselho para se livrar de vira-latas. Mas nunca me pareceu

funcionar”, ele prosseguiu com certo desprezo. “Eles sempre acabam achando o caminho. Desconfio que recebam ajuda de gente menos... digna.”

*Menos digna...* Era *definitivamente* melhor que ele fingisse ser filho de bruxo.

Mas Graciliano agora parecia um pouco cabreiro, e isso não era nada bom.

“Estranho...”

“O quê?”, Idá perguntou, deixando escapar um rasgo de tensão.

“...que você só tenha recebido sua matrícula agora.” E olhou para Idá com certo interesse. “Demoraste a fazer sua primeira magia?”

“Não, por quê?”

*Sim, por quê?*

“Já devia ter recebido essa carta há algumas semanas.”

“Mas tudo atrasa no Brasil”, Idá cortou, “Não é novidade.”

Os dois pareceram aceitar sua explicação.

“Então,” ele insistiu, tentando mudar de assunto, “Como se faz para entrar?”

“Paranhos! Bismarck!” um homem de olhos verdes bastante acentuados chamou da porta do bar. “Ficam aí se fresqueando! Estão atrasados!” e entrou novamente, murmurando irritado, “*E ainda com essa pilcha roxa ridícula... parece que quer chamar todos os Azêmolas para cá...*”

Idá olhou para o alto e viu uma silhueta na janela do andar superior, observando-o. Não gostava de ser observado.

O mais velho checkou o relógio de bolso, “Por Mésmer! Não é que ele tem razão?”

“Ei!” Idá chamou quando já se viravam para entrar.



“Ah, sim sim!”, Graciliano se voltou, solícito. “Irás virar duas ruas à esquerda, mais uma à direita e contar os Arcos a partir da ladeira. Depois é só entrar de costas. Não tem erro.” E bateu a porta atrás de si antes que Idá pudesse fazer qualquer protesto.

Entrar de costas... Grande ajuda! Genial!

Agora Idá estava realmente puto da vida. Aquela conversa toda não servira para nada! NADA! Entrar de costas... Isso ele já sabia!

E lá estava ele novamente, de cara para o Arco de número 11. Aquilo chegava a ser embaraçoso. Por que alguém da tal escola de bruxaria não vinha receber cada um dos alunos novos? Seria tão mais fácil!

Idá releu a única instrução da carta.

Ok. Entrar de costas.

Saindo inteiramente do Arco, virou-se de costas e atravessou para o outro lado de marcha ré, estilo Michael Jackson.

Nada de extraordinário aconteceu.

Dando meia-volta, fez o mesmo trajeto, só que para o outro lado.

Será que ele não estava no Arco certo?

Tomando certa distância, contou-os novamente. Não... aquele era mesmo o décimo primeiro.

Mais uma vez fez a passagem. Nada.

Tentou atravessar de costas, de lado, de frente, só faltou atravessar de ponta-cabeça.

Se sentia um louco varrido, brincando de atravessar Arco. Deviam estar todos rindo de sua cara, escondidos nas janelas dos sobrados autorrevitalizantes da Lapa.

O mendigo barbudo e cabeludo do outro lado da rua com certeza estava. Rindo, não. Gargalhando, com aquela boca desdentada dele. Mendigo Bob – era assim que era conhecido. Bob Marley. Perambulava pela cidade toda, aquele lá.

“Você sabe como entrar?” Idá gritou como última tentativa desesperada, mas o Mendigo Bob nem deu bola, voltando a beber de sua garrafa vazia e saindo de lá em seu passo lento de sempre, com a bunda aparecendo pelos rasgos das calças.

“Nem todos os esquisitos da Lapa são bruxos”, uma voz suave murmurou em seu ouvido e Idá se virou de sobressalto, deparando-se com um homem alto, de mãos para trás e sorriso no rosto. Seus olhos espertos fitavam Idá como se soubesse de tudo; da boa farsa que Idá era... como se achasse aquela situação toda um tanto divertida, sem querer tirar sarro. Sua pele conseguia ser ainda mais branca que a roupa que vestia. Parecia um anjo. Ou, talvez, um demônio disfarçado.

Sem saber bem o que dizer diante daquela figura um tanto... peculiar, Idá lembrou-se do comentário de Graciliano e se adiantou: “Então é você que vem ajudando os vira-latas a entrar.”

O homem se desfez em uma gargalhada, “Vira-latas...” ele repetiu em tom de ironia, conduzindo Idá pelos ombros de volta ao interior do Arco. “Ainda agora passastes por aqui de bermuda e camiseta, e já vem com pinta de nobre nojento?? Não entra nessa não, garoto! Sangue é sangue. Renegar teus pais assim é muito feio. Se eles são Azêmolas, eles são Azêmolas! Não há problema algum nisso.”

Idá fechou a cara, afrontado, “E quem é você pra me dar conselho?”

“Calma, calma, garotão!” o homem ergueu as mãos de brincadeira. “Estou apenas querendo ajudar. Agindo assim, só irás ganhar o respeito de gente que não presta. Ouça o que estou dizendo.”

“Tá certo, então” Idá cruzou os braços. “Como se faz pra entrar nessa joça?”

“Ora, de costas!” o homem repetiu, de gozação. E, virando-se de costas para a parede interna do Arco, reclinou-se para trás num

ângulo completamente fora do normal e metade de seu corpo desapareceu parede adentro.

“*Simples assim,*” ele disse, com o rosto ainda mergulhado da parede, e então retornou, todo cheio de si.

“Eu vou ter que me inclinar assim também??” Idá perguntou, espantado. “Noventa graus??”

O homem deu risada, “Não! Não! Por Deus, não! HaHa... Eu não faria isso com você. Quebraria sua coluna. Não, não. É só dar um passo para trás.”

“Mas como você fez aquilo?”

Ele sorriu, abrindo caminho para Idá, “Cada um tem as habilidades que lhes cabe.”

“...Ok então...” Idá disse, meio inseguro, posicionando-se de costas para a parede interna do Arco. “Você vem também?”

“Infelizmente não posso”, ele respondeu, resignado. “Estou proibido de entrar.”

Como que lembrando os bons modos, o homem estendeu-lhe a mão, “Lázaro Vira-Lobos, mas pode me chamar de Mosquito.” E então, fez a pergunta que Idá menos queria ouvir: “A quem devo a honra de ter ajudado?”

Sem pestajenar, Idá apertou a mão gelada do homem e disse o primeiro nome que lhe veio à cabeça,

“Hugo Escarlate. A seu dispor.”

## CAPÍTULO 2

### O REI DO MORRO

*Controle.*

*Era tudo em que o homem conseguia pensar. Um homem de passo pesado, decidido; sereno, em suas menos-que-nobres intenções.*

*Caminhava por um corredor largo, luxuoso... um luxo rústico, de outros tempos. Móveis de madeira nobre, vasos e estátuas de marfim, enfeites tribais.*

*E espelhos. Muitos espelhos, enormes, com bordas trabalhadas em palha. Neles se via tudo, menos o reflexo do homem, que passava arrancando olhares furtivos dos serventes africanos. Gostava de ver o respeito no olhar dos súditos de seu pupilo, que há muitos anos passara a considerar como seus.*

*Respeito ou medo?*

*Pouco importava. Desde que fizessem o que ele mandasse.*

*Ah... o domínio sobre os homens, sobre as almas. A busca pelo controle total.*

*Já estava mais do que na hora de acabar com aquele joguinho. Seu aprendiz ganhara confiança demais, concentrara poderes demais, começava a querer pensar por conta própria... aquilo era perigoso. Não podia ser tolerado.*

*Sereno, passou pelos guardas, que o cumprimentaram batendo suas lanças contra o piso de mármore, e entrou no salão. Um salão vasto e vazio, a não ser pelo trono de marfim e o rei que nele sentava,*

*consultando-se, aflito, com seus chefes militares. Nem que rogassem a todos os òrìsà conseguiriam impedir a invasão do Reino. Não dessa vez. Não sem sua ajuda. O grande exército de Oyó, temido por todas as terras d'África, não mais conseguiria inutilizar miraculosamente as armas do inimigo.*

*Os chefes davam notícia do ataque surpresa. Descreviam como os cavalos, sempre tão corajosos, agora pareciam querer fugir dos invasores. O rei ouvia a tudo atentamente, apoiando o queixo sobre seu poderoso cajado de madeira maciça, tentando disfarçar o desespero.*

*Aquela era a hora. O homem aproximou-se a passos firmes. Ao vê-lo chegar, o rosto do rei se iluminou, como uma criança vendo doce. Seu mestre de tantos anos... Ele certamente saberia o que fazer.*

*Pobre coitado... ainda acreditava nas boas intenções do mentor. Todos já sabiam. Todos já temiam aquele homem. Menos o rei, que, inocentemente, punha toda sua confiança nele. Naquele que havia lhe ensinado tudo que ele hoje sabia.*

*Por que o fizera? Por que ensinara? Nem o mentor sabia ao certo. Para matar o tempo, talvez. Como diversão. Para ter o que fazer.*

*Mas o fato é que a brincadeira tinha ido longe demais.*

*Dispensando seus súditos, o rei ergueu-se do trono e caminhou com ânimo renovado em direção ao mestre, abrindo os braços para abraçar a única pessoa capaz de eliminar seus problemas.*

*O mestre, no entanto, não se moveu para abraçá-lo como sempre fizera. Em vez disso, apontou sua varinha negra na direção do rei, que parou espantado.*

*Percebendo que afastara-se imprudentemente do trono sem seu cajado, só lhe restou olhar perplexo para o mentor, incapaz de compreender o motivo da traição.*

*Sem sentir qualquer remorso, o mestre observou por mais alguns segundos seu pupilo indefeso, como quem examina pela última vez uma*

*foto que pretende queimar, e então, sem mais delongas, pronunciou o feitiço que mudaria para sempre o destino dos dois.*

O forte jato roxo fez Hugo acordar de sobressalto.

Hugo não, Idá ainda. Faltava um dia para que recebesse a carta que mudaria sua vida.

Com a cabeça latejando, levantou-se do chão de terra onde fora jogado na noite anterior. Não se lembrava como havia terminado a surra, mas podia sentir ainda o gosto metálico de sangue nos lábios. Presente de aniversário do Caiçara.

Com o corpo dolorido, olhou à sua volta e sentiu um calafrio. Haviam-no largado no pico do morro, terreno baldio onde os traficantes costumavam executar seus inimigos.

Aviso mais claro não era necessário. Idá tinha plena consciência de que só estava vivo por ter a preferência do dono do morro, mas não se deixaria intimidar por aquela ameaça. Não mesmo.

Mancando da perna esquerda e com um nó de raiva na garganta, ele começou a descida íngreme e tortuosa que levava à sua casa. Ao longo do percurso, crianças descalças brincavam nos chuveirinhos que jorravam dos canos, como se nada no mundo as preocupasse.

Chuveirinhos eram um sinal de que houvera tiroteio na noite anterior. O encanamento da comunidade onde Idá morava era exclusividade local. Vinha pelo alto, aproveitando a inclinação bizarra do morro Dona Marta, o mais íngreme da cidade, para fazer a água descer com mais pressão. Os chuveirinhos surgiam quando as balas faziam o favor de atingir esse encanamento.

Parando embaixo de um deles, Idá lavou o sangue do rosto. Não podia aparecer em casa daquele jeito, muito menos desfilar pela favela demonstrando o quão fraco ele era contra o Caiçara.

Idá ainda não fazia ideia do poder que tinha; poder capaz de obrigar todos eles a ficarem de joelhos na sua frente; poder de

estrangular o Caiçara até a morte sem nem ao menos tocar seu pescoço, e sumir com o corpo como se nunca tivesse existido.

Por enquanto, não sabia de nada disso. Sabia apenas que era mais um miserável vivendo em condições sub-humanas numa das mais de 200 favelas do Rio de Janeiro, sendo constantemente ameaçado por uma gangue de bandidinhos metidos a traficante, que pareciam não ter mais nada para fazer da vida além de atazanar a sua.

“Olha só quem resolveu descer!”

A voz era inconfundível e Idá nem se dignou a olhar, continuando sua descida. Podia ver Caiçara de canto de olho, magrelo, branquelo e nojento, encostado na parede de um dos barracos, cercado dos caras que haviam surrado Idá na noite anterior.

Ainda não era hora de revidar. Estavam armados até as gengivas, e Idá não era burro.

“Onde tu pensa que vai, Formiga?” Caiçara insistiu, sem sair de seu posto, e Idá precisou fazer um esforço grande para se controlar. Aquele apelido o tirava do sério. Quase tanto quanto seu próprio nome.

“Vai, Formiga! Vai! Vai chorar pra mamãe!” Idá ainda ouviu, antes de subir a mureta que o levaria à sua casa.

A maioria dos barracos na favela Santa Marta não era servida por saneamento, coleta de lixo ou qualquer outro serviço básico. A situação de Idá, no entanto, era ainda pior, e ninguém discordava. Dizer que vivia em um “barraco” era força de expressão. Ele, sua mãe e sua avó moravam encaixotados em um contêiner de seis metros quadrados, onde a temperatura chegava a 50 graus no verão. Solução improvisada da prefeitura para alojar “temporariamente” as famílias retiradas das áreas de risco depois de um deslizamento de terra que acontecera em 1988.

Mais um ano e eles comemorariam o aniversário de uma década de esquecimento do poder público. Dez anos esperando as tais casas

populares prometidas pelo município. Dez anos vivendo numa maldita caixa de zinco, tratando das eventuais queimaduras causadas pela chapa quente que Idá e família chamavam carinhosamente de “parede”, e das pneumonias e outras doenças causadas pelo calor e pela umidade daquele lugar.

Sua avó brincava que Idá não deveria se queixar. Afinal, o contêiner era ventilado por duas janelas e alguns buracos de bala. Já os amigos citavam a vista, uma das mais alucinantes do Rio de Janeiro, talvez do mundo: o Corcovado e o Cristo Redentor à sua extrema direita, a Baía da Guanabara com o Pão de Açúcar à sua esquerda e, quase à frente, a Lagoa Rodrigo de Freitas. Todos os pontos turísticos mais famosos da cidade na porta de sua casa. Quem poderia querer coisa melhor?

Pois Idá trocaria na hora aquela vista por uma casa duplex, com ar-condicionado, televisão e videogame.

Além de viver naquela droga de caixote, de ter de aturar o calor de 40 graus que fazia naquela manhã, e de estar todo quebrado, Idá ainda teria de ouvir as broncas da mãe, que certamente estaria no contêiner a uma hora daquelas, se perguntando onde seu filho se metera e por que não dormira em casa. Talvez não devesse ter lavado o sangue do rosto. Teria ao menos inspirado nela um pouco de solidariedade.

Idá entrou sem fazer barulho, tomando cuidado para não esbarrar nas bordas quentes da porta. O bafo do lugar estava insuportável, mas sua avó dormia tranquila na única cama do único cômodo, onde dormiam os três.

Nem sinal da mãe, graças a Deus, Oxum, São Jorge, Santa Teresinha e todos os outros santos. Idá foi até a cabeceira da cama e checkou o mais recente buraco de bala da parede. Se houvesse dormido em casa... talvez estivesse no necrotério àquela hora.

A luz do sol passava pelo buraco, criando um feixe que iluminava o livro largado na mesinha de cabeceira. “O Corcunda de Notre



Dame”, de Victor Hugo. Cara bacana. Idá considerara a possibilidade de pegar emprestado um outro livro daquele tal de Hugo: “Os Miseráveis”, mas de miséria ele já tinha o bastante. Preferia algo com gárgulas, corcundas e donzelas, no momento. E tinha que ser o livro completo. Nada de resumos. Já bastavam as aulas resumidas que tinha na escola, com professores faltosos e matérias pela metade.

“Onde o senhor esteve essa noite?”

Idá se virou ao som da voz severa da mãe. Ela tinha parado na soleira da porta, com um saco enorme de roupa suja nas mãos. “Não foi com aquela vadiazinha da São Clemente, foi?”

“Não é da sua conta”, Idá cortou, fingindo ler.

A mãe jogou o saco na mesa e arrancou o livro de suas mãos. “Não é da minha conta?? Onde o senhor esteve essa semana inteira!?”

*Semana inteira?? Do que diabos ela estava falando...*

“A primeira semana de aula, Idá!”

Idá fechou a cara. “Quem caguetô?”

“Tanto faz quem me disse!” ela respondeu horrorizada. “Eu fico dias naquela fila infernal pra te matricular e tu falta assim!”

“Nunca acontece nada na primeira semana! Nem professor tem direito. Aliás, aquilo tudo lá é uma grande perda de tempo.”

Idá levou um tapa na boca pelo desaforo. “Você nunca mais diga isso!”

“Tu nunca tá em casa! Quando tá, fica querendo dar lição de moral!?”

“Ah!” ela riu, sarcástica. “Então eu trabalho feito uma condenada pra botá comida dentro de casa e tu me acusa de nunca estar aqui!? Eu devia é ter te forçado a trabalhar na feira comigo! Assim tu aprendia!” Dandara começou a separar as roupas sujas das que eram para costurar, imprimindo sua revolta em cada gesto. “É nisso que dá! É tudo culpa daquele branquelo do teu pai!”

Idá revirou os olhos. Mais uma vez o pai...

“Se aquele covarde tivesse ficado pra cuidar do filho, tu não tinha virado um marginalzinho!”

“Eu não sou um marginalzinho!” Idá gritou, acordando a avó.

“Então volta pra escola! Hoje mesmo!”

“Hoje é *SÁBADO!*” ele berrou de volta, saindo porta afora.

“Onde tu pensa que vai!? Volta aqui, menino!” a mãe chamou da soleira da porta, mas Idá já estava a metros de distância e não pararia por conta dela. “Você tinha combinado que ia tapar a goteira de cima do fogão hoje! Tão dizendo que vai chover!”

“*Bota balde!*” Idá gritou sem olhar para trás, “Assim vai ter água quando faltá de novo!”

Quem era ela pra mandar ele tapar goteira? Tinha acabado de chamá-lo de *marginalzinho* e já vinha pedindo favores?!

Não... Idá vinha se irritando com muita facilidade. Ele próprio admitia isso. Queria sair daquele lugar, daquele contêiner, fugir de tudo. Sua mãe não tinha culpa... ela só queria seu bem. Mas precisava ser tão chata?! Não podia chegar e dizer “Meu filhinho! O que houve com você? Por que não dormiu em casa hoje? Aconteceu alguma coisa? Está tudo bem?”, mas nãããã... tinha que começar já dando bronca!

Desde sempre havia sido só eles três na família. Ele, a avó e a mãe. Do pai, Idá não tinha qualquer lembrança. Sumira quando ele ainda era bebê. Seu único primo e tios haviam morrido num acidente de carro um ano antes de ele nascer e sua mãe sempre lamentara a falta que uma família grande fazia na educação de um filho.

Idá até preferia assim. Se com três pessoas já era insuportável, imagine com mais! Não gostava de bagunça. Preferia que as coisas estivessem sob seu absoluto controle.

O que não era bem o caso.

Idá riu. Ela nem tinha notado seus ferimentos. Não que sua mãe não se importasse com ele. Se importava até demais – chegava a ser

sufocante. Mas quando ela ficava com raiva, a cegueira baixava. E Idá conhecia muito bem a mãe para saber que aquele ataque histérico dela não tinha só ele como culpado. Eram comuns os xingamentos contra seu pai, mas esses xingamentos ficavam especialmente agressivos quando ela terminava com mais um namorado.

Podia apostar que Cleiton não apareceria mais por lá. Finalmente uma boa notícia. Chamava Idá de vagabundo, dizia que tinha de largar a escola e procurar emprego.

O que restava saber era se Cleiton tinha caído fora por conta das brigas diárias com Dandara ou por causa da panela de água fervente que Idá jogara na sua cara no dia anterior. Devia estar com uma bolha asquerosa no rosto.

Idá não deixava ninguém bater nele sem volta. Não mesmo.

“Mas também tu provoca, né não?!” Saori disse após ouvir a narração de Idá sobre a surra que levara do Caiçara. “Num podia ficá quieto no teu lugar?”

Saori, também conhecido como Welinton da Silva, era um garoto magro feito vara-pau, descendente de uma linha de nordestinos que se mudara para o Dona Marta há algumas gerações, companheiro de molecagem de Idá. Sonhava em ser motorista de táxi ou astronauta. Qualquer um dos dois estava bom.

Idá achava aquilo patético, mas era melhor não contrariar.

Sentados na laje da casa de Saori, observavam a movimentação costumeira de sábado. Moleques correndo atrás de bolas semimurchas, donas de casa pendurando roupas para fora da janela, meninas dando risadinhas e lançando olhares furtivos aos jovens guardas da boca-de-fumo, que se exibiam com seus fuzis atravessados no peito... Enfim, uma cena normal de fim de semana.

Nem sempre fora assim. De lá, daquela mesma laje, que, no ano anterior, Saori e Idá haviam assistido, entusiasmados, à gravação do clipe do Michael Jackson. Eles e mais umas dezenas de pessoas lutando

pelo melhor lugar na laje da Dona Ciléia, mãe do Saori. Todos amontoados, se empurrando, só para ver o astro pular e correr para cima e para baixo nas escadarias estreitas do Dona Marta.

Aquele tinha sido um dia estranhamente mágico. Um astro internacional dançando pela favela com permissão do dono do tráfico e cobertura da mídia nacional, sem interferência alguma da polícia. No mínimo extraordinário.

A casa de Saori ficava a poucos metros da boca-de-fumo principal da favela – quartel general do Vip, o chefe do tráfico no Dona Marta, dono do morro. Três homens faziam a guarda, dois com pistolas e um com fuzil. Caiçara devia estar lá dentro a essa hora, mas Idá não tinha medo dele. Não enquanto Vip estava por perto. Era Vip que havia batizado Idá com seu único apelido decente.

“Saca só, Bruxo,” Saori chamou, mostrando com orgulho uma pipa listrada em vermelho e preto. “Tava lá no Tortinho, dando sopa.”

Tortinho era o campo de futebol da favela. Chamavam de Tortinho porque... bom, não era a obra arquitetônica mais bem realizada da humanidade.

Mas Idá não estava nem aí para pipas novas. Muito menos para futebol.

“Isso é coisa de playboy”, ele disse, rejeitando a pipa e indicando o fuzil com a cabeça, “Preciso é daquilo ali.”

“Ih, ó o cara aí!”

“Pra dá uma boa lição naqueles otários.”

“Bruxo, se liga,” Saori disse, assumindo uma pose de sábio protetor, “fuzil é bom pra pegá gatinha. Pra matá traficante dá não... aí já é coisa de maluco. Eles sacam muito mais de fuzil do que você.” Saori abriu um sorriso maroto, “Agora, de gatinha tu entende.”

Idá sorriu, mas só para agradar o amigo. Não estava nem um pouco no clima para o assunto.

“... as mina só olha pra maluco com Uzi na mão. Mas tu, Bruxo, tu não precisa. Com esses farol aí tu pega qualquer mina. Se eu tivesse os olho que tu tem, eu tava feito.”

Verdade. Os olhos verdes de Idá contrastavam perfeitamente com sua pele escura. Verdes com tons de mel e caramelo. A única coisa que herdara do covarde do pai.

Preferia não ter herdado nada.

“E a Gislene?” Saori perguntou, sinalizando com a cabeça uma menina que acabara de entrar na rua com um grupinho de amigas. “Tu já pegô?”

“A Gislene, vacilão?? Eu, hein!”

“Ué, por que não??”

“Sei lá...” Idá deu de ombros. “Seria como beijá irmã, tá ligado?”

“Mas tu nunca nem trocô palavra com a mina, mané!”

“Ah... ela é uma chata. Tu sabe disso melhor que ninguém. Exigente, metida a certinha... dá certo não.”

Saori abriu um sorriso malicioso, “Se não fosse chata tu pegava?”

“Não é de se jogar fora”, Idá respondeu, tentando não bufar de tédio. O assunto já havia dado o que tinha que dar. “Mas prefiro a Elô, lá do Cruzeiro.”

“Ih!” ele riu, “Aquela lá não é pro teu bico não, rapá! Aquela lá é do Playboy.”

Falando no diabo, lá estava ele, subindo as escadarias, esbanjando um tênis de marca novinho. Andava sempre com ginga de sabichão, soltando aquele ar de quem sabia que era ‘o cara’, tirando onda com as meninas. Completamente irritante. Seu cabelo, que no dia anterior era de um tom nojento de verde, hoje estava pior ainda, listrado de amarelo e azul. Mas elas gostavam daquela ostentação toda, fazer o quê? Gostavam das correntes douradas no pescoço, da bermuda de esportista... Tudo comprado com dinheiro do tráfico.

“Saca só o aparelho celular do cara”, Saori apontou e Idá sentiu uma pontinha de inveja. Celular ainda era artigo raro naquela época. Só bandido tinha, e olhe lá.

Idá ainda teria um daqueles... E um tênis de marca também.

“Aí, vai um tequinho?” Saori interrompeu o pensamento de Idá, que se virou para ver o amigo abrindo um papelote que transbordava de pó branco.

“Cocaína?!”

“*Shhhh!*” Saori disse, levando o dedo aos lábios.

Idá baixou a voz, tenso, “*Onde tu conseguiu isso???*”

“Amostra grátis”, Saori abriu um sorriso malandro.

“Tu tá louco, mané!? Robá dos cara assim, na mão grande??”

“Ah, vai, é só um tequinho”, ele disse, pegando um canudo no bolso. “Eles nem vão dá falta.”

“Não vão é?” Idá retrucou, arrancando o canudo de sua mão e jogando longe.

“Ei!”

“Tu tá maluco?! Tu acha que eles não vai notar que tu tá doidão? Isso nem o Vip perdoa! Corta teu dedo fora! ... E eu acabo indo junto!”

Não era só pelo perigo de ser descoberto. O que Idá não admitia mesmo era a burrice de cheirar um troço daqueles. Cocaína era coisa de idiota desesperado. Idá podia ser revoltado, “aborrescente”, um pouco ousado demais até, mas não entrava naquela roubada. Já tinha visto nêgo se destruir com aquilo. Já assistira um dos ex-namorados de sua mãe morrer de overdose, encolhido ao lado do fogão do contêiner.

Otário.

Agora, SER do tráfico era bem diferente. Dava status, fama, dinheiro, poder, garotas...

“Eu vô entrá pro tráfico”, Idá declarou, para o completo espanto do amigo.

Entraria para o grupo do Vip, aprenderia tudo sobre armas, ganharia a confiança absoluta do chefe e depois, na primeira oportunidade, pipocaria toda aquela cara espinhenta e desdentada do Caiçara.

Saori olhava para Idá como se o amigo tivesse acabado de dizer que concorreria à presidência dos Estados Unidos. Com um espasmo, votou a si e exclamou, “*Do mau...*”, num misto de espanto e admiração.

“É...” Idá concordou, abrindo um sorriso maquiavélico. “E vou fazer isso agora.”

Com um salto, Idá pousou na rua e se dirigiu à porta da boca-de-fumo. Os guardas acompanharam seus movimentos, mas nada fizeram. Afinal, ele não era o único a querer entrar lá. A fila de moradores na frente do QG do Vip dava voltas. Todos revoltados com o tratamento a que estavam sendo submetidos pela polícia.

Vip tinha transformado aquela boca-de-fumo numa espécie de central de reclamações da favela. Lá, ele era um Rei atendendo seus súditos. Sábio e magnânimo. A violência policial aumentara na comunidade, em parte por sua culpa. Estivera foragido durante muito tempo e agora que voltara, era o alvo número Um da polícia do Rio de Janeiro. Subiam o morro todas as noites à procura dele, invadindo barracos e espancando moradores que nada tinham a ver com o tráfico de drogas.

Vip ficava todo prosa com a atenção policial. Dizia que dava prestígio, que logo ia virar *popstar* e aparecer na televisão. Era louco. Mas Idá gostava.

E o povo do Dona Marta também. Vip dava assistência, emprestava dinheiro, comprava brinquedo para a garotada, dentadura pra velhinho, chinelo, bermuda... tinha até oferecido um barraco

novinho para a mãe de Idá, mas Dandara nunca aceitaria ‘esmola de bandido’.

Idá não a perdoava por isso.

“Ei ei ei! Fura fila não, Formiga!” Playboy se aproximou, empurrando Idá para trás com a lateral de seu fuzil dourado. “Tá pensando que é gente, é?”

“Na moral, preciso levá umas ideia com o Vip.”

“Tu e o morro inteiro, rapá. Pro fim da fila.” E cutucou Idá com o cano, tentando forçá-lo a recuar. Mas fuzis não o intimidavam, e Idá pressionou insistente, arrancando xingamentos dos moradores que estavam há horas esperando na fila.

“QUAL É O CAÔ?”, Vip surgiu na porta do barraco.

Caiçara vinha logo atrás, com aquele cabelo oxigenado dele.

“Ó o furão aqui”, Playboy respondeu, com o fuzil quase encravado no peito de Idá.

“Ih!” Vip abriu um sorriso. “É o bruxo! Tá expulsando o bruxo, mané??”

Infiltrando-se na multidão, Vip foi buscar Idá e conduziu-o pelo ombro até a boca-de-fumo.

Ainda era possível ouvir o descontentamento dos enfileirados lá fora quando Playboy fechou a porta do barraco, irritado. “Qualé, Comandante! Só porque o moleque sabe soltá pipa??!”

“Sem linha, mané! Sem linha!! Tu não viu não? O moleque é bruxo!”

“Isso não qué dizê que vai espantá os cana.”

“Pode ser. Mas o moleque fica.”

Sentando Idá numa cadeira, Vip foi até outro cômodo buscar alguma coisa. Idá aproveitou para fazer uma careta na direção de Caiçara, que respondeu com um olhar assassino mas continuou onde estava, encolhido num canto do barraco, todo marrento e emburrado,



brincando com sua moeda de prata. Caiçara não se atravessaria a machucá-lo. Não ali.

Ah, sim, o episódio da pipa.

Havia acontecido pouco antes da visita do Michael Jackson. Saori acabara de comprar uma pipa com os trocados que ganhara fazendo malabarismos num sinal de trânsito. Idá achava aquele entusiasmo todo meio bobo, mas o garoto estava todo orgulhoso, empinando sua pipa novinha.

Nem dois minutos haviam passado quando a linha se rompeu e a pipa saiu rodopiando céu afora, para a absoluta tristeza de Saori, que ficou assistindo sua pipa ir embora com os olhos úmidos, sem poder fazer nada.

O fato é que Idá ainda não conseguira explicar como tinha recuperado uma pipa praticamente perdida. Foi só ele estender as mãos que ela veio pirroteando até ele. Todo mundo viu.

Naquele dia, ele ganhara o respeito de alguns e a inveja de outros. Sem falar no medo. Os mais religiosos da comunidade nunca mais se atreveram a passar perto dele.

Idá tinha certeza de que havia sido pura sorte. Ele estendera o braço e, por coincidência, a pipa rodopiara até ele. Mas se para Vip tinha sido magia, quem era Idá para contrariá-lo?

Vip acreditava nessas coisas. Antes de qualquer operação de risco, ele sempre visitava o terreiro de Maria Batuca, botava no pescoço a guia de seu orixá, junto do terço e da correntinha de Nossa Senhora Aparecida, e só então ia para a luta, sem nunca se esquecer de benzer sua AR-15 de estimação.

“Aqui, Bruxo. Presente,” Vip disse, chegando com um rádio de pilha na mão.

Idá pegou o radinho com certa insegurança, “Mas eu nem disse pra que eu vim aqui!”

“E precisa?!” Vip perguntou, dando risada e enchendo o peito de orgulho, “O Vip aqui sabe das coisa! Tava te esperando há muito tempo, rapá. Cedo ou tarde tu ia aparecê.” E se agachou, apoiando as mãos nos joelhos de Idá, “A parada tu sabe qual é: tu vai ficá lá na laje da Dona Marica vigiando a área de noite.”

Idá não conseguiu disfarçar a decepção, “Mas eu queria ser Sentinela!”

A risada de Vip foi ecoada pelos outros bandidos. “Acabô de entrá pro crime e já qué sê promovido?! Né assim não! As preliminar primeiro, garotão. As preliminar primeiro. Tu fica de falcão lá, vigiando tudo, e depois a gente vê se te promove. E não vai sê pra Sentinela, não. Talvez aviãozinho e olhe lá.”

Idá bufou emburrado. Olheiro era coisa pra criança! Aviãozinho era melhor; transportar a droga para cima e para baixo dava mais liberdade de movimento, mas ainda assim não tinha acesso às armas. Idá queria as armas.

Talvez até aceitasse ser Vapor. Nas noites mais bombantes, um Vapor podia faturar até 1,500 dólares vendendo drogas. Talvez desse para comprar uma arma depois de alguns meses de trabalho. Mas olheiro?! Olheiro ficava lá, parado, sem fazer nada, a madrugada inteira!

“Fica bolado, não, aê,” Vip disse, percebendo sua frustração. “A parada tá sinistra pro meu lado. Precisamo de mais falcão de vigia. Tu é responsa, né não?”

Idá confirmou com a cabeça, resignado por ora.

“Sinistro. Tava precisando mesmo contratá rapaziada nova. Os antigo tão tudo manjado pelos homi já”, e se levantou, dirigindo-se aos outros. “Parada é a seguinte. Hoje eu vô encontrá com a mina de Ipanema. Qualqué caô tu me chama”, e jogou um celular para Caiçara.

Inconformado, Idá ainda fez uma última tentativa, indicando a pistola jogada em cima da mesa, “Não vai dá um cano desses pra mim, não?”

“Ih, ó o cara, aí! Tá achando que é moleza? Tu ainda é muito pirralho pra isso!”

“Na moral, Vip!” Idá insistiu. “Tu tinha 12 quando atirô a primeira vez!”

“Bruxo precisa de ferro, não, aê,” Caiçara debochou lá de trás. “Faz magia!”

“Implica com o Bruxo, não, Caiça,” Vip decretou, saindo porta afora e deixando Idá sozinho com seu rival.

“Pra mim tu vai sê sempre o Formiga, pirralho,” Caiçara disse, aproximando-se de Idá com uma das mãos apoiada na coronha do revólver. Parando a poucos centímetros de distância, sussurrou em seu ouvido, “*Quando ele empacotá, tu vai se vê comigo. Eu vou ser chefe disso tudo aqui.*”

Tomando o cuidado de recolher a pistola de cima da mesa, deixou Idá sozinho no barraco.

E pensar que Vip chamava o desgraçado de ‘homem de confiança’. Caiçara tinha 19 anos, dois a menos que Vip. Havia aprendido tudo com ele. Mas pra gente ambiciosa como Caiçara, não existia a palavra lealdade. E não adiantava tentar advertir o Vip contra ele porque, o que Caiçara tinha de traidor, Vip tinha de ingênuo. Confiava demais nas pessoas.

Idá, pelo contrário, já tinha aprendido há muito tempo a não confiar em ninguém. Todos, algum dia, seriam traidores; e Idá não estava a fim de ser enganado. Das pessoas que conhecia, só confiava em *uma*.

Idá entrou em casa sem fazer barulho e apressou-se em esconder o radinho de pilha dentro da mochila da escola. Mais difícil seria

esconder sua nova atividade da mãe, mas nisso ele pensaria mais tarde.

Fechando o zíper da mochila com cuidado, empurrou-a de volta para o canto e deu uma checada na temperatura da avó, que dormia um sono leve na cama.

Estava com febre de novo.

Ela costumava ser muito ativa. Preparava comida, fofocava com as vizinhas... era muito amada por toda a comunidade. Chamavam-na de Mãe Josefina, mas para Idá ela seria sempre sua Abaya. Aquele cabelo branquinho na pele negra, aquela gargalhada gostosa que só ela sabia dar... A única pessoa em quem ele confiava no mundo.

Idá lhe fez um carinho e ela abriu seus sábios olhinhos negros. Depois de uma boa olhada no neto, sorriu suspirando, “Ô, criança... o que tu guarda nesse teu coraçãozinho?”

Ele devolveu o sorriso, “Nada não, Abaya.”

Era impossível esconder qualquer coisa dela.

Abaya passou o dedo na testa do neto, sentindo o corte da coronhada que levara na noite anterior. Sua avó estava aos poucos perdendo a visão, mas ainda podia enxergar o que sua mãe não vira.

“Esqueceu de ir pra escola essa semana, Idá?”

“Ah, vó... sei lá”, Idá disse, sentindo uma angústia repentina. “Acho que aprendo mais lendo aqui em casa do que lá. Faz dois anos que eu não tenho aula de matemática! Dois *anos*, vó! E ano passado a gente ficou três meses sem professora de história. Se não fossem as minhas leituras, eu ia ser igualzinho aos garotos da minha turma. Completamente ignorante.”

“Tem que tê paciência, criança...” ela sorriu, serena. “Veja eu. No meu tempo, num tinha nem escola pra mim. Nós lutava por escola. Agora os jovens num quer nem sabê. Melhor um professor que falta do que nenhum.”

Idá meneou a cabeça, “Sei não, vó... sei não.”

Sua Abaya fitou-o com carinho. “Por falá em escola, feliz aniversário.”

Idá sorriu. “Só a senhora pra lembrar. A senhora e o Caiçara.”

“Dá um desconto para sua mãe. É difícil lembrar de uma data que nem sempre tá no calendário, Idá.”

Mas os dois foram interrompidos. Sua mãe havia entrado em casa e, pela força com que a porta se fechara, não era boa coisa. Idá olhou para o lado e viu Dandara parada na entrada, com as mãos na cintura, quase soltando fogo pelas ventas.

Antes que ele pudesse abrir o bico, ela atacou.

“Que história é essa de entrá pro tráfico?”

Idá demorou alguns segundos para se recuperar do baque. “Tu tem rede de espião na comunidade, é?!”

Dandara deu aquela risada irônica irritante que só ela sabia dar. “Eu tenho olho nas costas, isso sim! Quem é mãe precisa ter! Moleque mais endiabrado nunca vi, meu *Jesus* amado...”

“E se eu quisé entrá pro tráfico?” ele provocou. “Quem vai me impedir? *Jesus*?”

Dandara fuzilou-o com os olhos. “Tu devia era fazê sirviço na Igreja pra aprendê! O pastor já te chamou mais de uma vez. Mas não! Quer virá *bandido*!”

“Num bota bandido dentro de casa que eu não viro bandido!” Idá alfinetou.

“Eu não boto bandido dentro de casa!”

“Ah, não?! E o Caiçara é o que então, um *santo*??”

Dandara abriu a boca para argumentar, mas logo voltou a fechá-la. “O Caiçara foi um erro.”

“Um erro?! O maior bandido da favela, um erro? E o Cleiton? E o Roberval? Quantos erros tu vai cometer até aprendê a lição?”

“Tu para de implicar com meus namorados!”

“E tu para de implicar comigo!”

“Eu não estou implicando contigo. Estou te educando!”

“Tá fazendo um *péssimo* trabalho!”

“Ô, *Obá...*” Abaya exclamou com a voz aflita.

Idá se calou, e procurou se acalmar. Pela avó.

Estava tremendo de raiva... Os dois estavam. Eram sempre assim as brigas entre eles. Idá não conseguia entender o porquê. Eles se gostavam! E, no entanto, não conseguiam ficar um dia sequer sem se agredirem.

Dandara também havia se calado. Estava chorando, exausta. E quando Idá falou novamente, tentou adotar um tom mais conciliador. Menos agressivo.

“Tu só cai de amores por bandido, pô... Qual vai sê a grande diferença se eu entrá também?”

“*Não diz isso, Idá...*” sua mãe implorou, desabando na cadeira com o rosto nas mãos. Dandara era uma mulher forte, corajosa, responsável, mas caía fácil na lábia de criminoso. Não tinha jeito. A quantidade de mau-caráter que já levava para dentro de casa... Ela não tinha o direito de julgar qualquer decisão do filho. Não tinha.

“Idá...”

“Bruxo, mãe. Me chama de bruxo...”

Dandara passou a mão pelos próprios cabelos, inconformada, “Por que eu te chamaria de bruxo, Idá? Esse teu apelido me dá nos nervos! Bruxaria é coisa do Demônio!”

“A Abaya gosta.”

“Tua avó não sabe o que diz. Teu nome é lindo, filho... Tu devia se orgulhá dele.”

“Orgulhar??” Idá repetiu, tentando manter a calma milagrosa que os dois haviam conseguido estabelecer. “Eles riem de mim na escola, mãe. Eles riem de mim aqui também. Depois tu não entende porque eu, de vez em quando, tenho que quebrá a cara de um.”

“Eles só fazem graça porque tu se incomoda. Por que tu acha que o Caíça te chama de formiga? Com certeza não é porque tu cai de amores pelo apelido.”

Idá se calou. Detestava quando ela estava certa. Mas também, o que tinha passado pela cabeça dela no dia do batizado?

Dandara estava chorando de novo. “Meu filho... um bandido...” ela murmurou desconsolada.

“Mãe... A gente precisa do dinheiro. Você sabe disso. E o Vip não é tão ruim assim. Ele é gente boa! Ele dá uma assistência pro pessoal do morro.... Hoje mesmo tava uma fila enorme lá na boca—”

“Não se engana, não, Idá! O Vip já mandô matá muita gente por aí! Tu não se lembra do que ele fez com o Zé Zangão?”

“O Zangão teve o que merecia”, Idá disse, impassível. “Baita de um X-9.”

“Teve o que merecia??” ela repetiu, horrorizada. “O Vip fez o homem comê a própria língua!”

Idá sorriu, “Criativo.”

“Algum dia eu ainda te faço comê a tua!” Dandara se levantou nervosa, e saiu porta afora.

Não voltaria tão cedo. Ela só tinha energia para duas brigas por dia.

“Bruxo, vem aqui,” Abaya chamou-o com ternura.

Ela o entendia. Era a única.

Idá deitou-se ao lado da avó, que começou a acariciar seus cabelos crespos. “Já te contei a história de Benvindo?”

“*Benvindo?! Isso é nome de gente?!*”

“Pois é...” ela abriu um sorriso esperto. “E depois tem gente que reclama do nome que tem.”

Só ela mesmo para fazê-lo rir da própria desgraça.

Ajeitando-se na cama, Abaya começou: “Era uma vez na África um Rei muito poderoso, cujo verdadeiro nome se perdeu no tempo. Nós

o chamaremos de Benvindo, como ficou conhecido aqui no Brasil. Seu cajado, de madeira maciça era fonte de inimaginável poder. O poder dos magos e feiticeiros dos tempos antigos, do reino d'África.”

Idá sorriu. Era interessante como o linguajar de sua avó se alterava quando ela contava suas histórias. Contava sem nenhum de seus vícios de linguagem ou deslizos gramaticais, como se repetisse, palavra por palavra, as histórias que ela própria ouvira quando criança. Sem tirar nem pôr.

“... Com seu cajado, o Rei impunha sua lei aos súditos. Ao povo africano.”

“Como o Vip faz aqui”, Idá interrompeu.

“Deixa a véia falar, muleque!” ela disse, brincalhona, e continuou, “Benvindo era um Rei justo. Justo, mas intransigente. E, pouco a pouco, seu poder foi corrompendo-o. Tomou conta de sua alma e de seu espírito. E o Rei que todos amavam se transformou em um déspota... um ditador mimado e violento.” Abaya olhou para o neto, “Seu amigo Vip é como ele. O poder cega as pessoas, Idá. Sempre cegou. E algum dia, o Vip vai perder os poderes que tem. Como Benvindo perdeu. Quanto mais poder se tem, maior é a queda.”

Idá olhava inquieto para a avó. Já sabia onde ela queria chegar.

“Não entra nessa vida, Idá,” ela suplicou. “Qualquer um com uma arma na mão se torna um monstro. Um covarde. Mesmo quando se tem a melhor das intenções em mente. Não se engane.”

“Mas eu não vou ser traficante, vó. Só vou ser olheiro!”

“Uma coisa leva à outra. Ou tu acha que o Vip sempre foi um monstro assassino? Ele era um menino bom... Eu o vi crescer, bem aqui, nesta rua. Mas foi corrompido, como Benvindo, pelo poder.”

“Ah, vó... desencana. O Vip não é tão ruim assim. Ele gosta de mim.”

Abaya suspirou, com uma tristeza no olhar que Idá nunca vira antes. “A gente devia ter saído daqui... enquanto era tempo.”



“Vó, relaxa,” Idá disse, beijando sua testa e dirigindo-se à porta de mochila nas costas. “Eu não sou como ele.”

“É o que eu espero, meu neto... É o que eu espero.”

Abaya sabia que sua intenção final era matar o Caiçara. Ela não era boba. Aquela conversa toda tinha sido para tentar dissuadi-lo. Mas agora já era tarde. Ia decepcionar muito a avó, mas não tinha outra saída. Era o Caiçara ou ele.

Idá assumira seu posto na laje da Dona Marica pouco antes do anoitecer. Era possível ver a favela toda de onde estava; um mar desordenado de telhas e lajes. Todas tão juntinhas que apenas em alguns pontos era possível ver as estreitas escadarias que corriam por baixo. Um batalhão inteiro da PM poderia estar subindo naquele instante, ocultos pelos telhados, e Idá nunca perceberia. Por isso era preciso ter o máximo de atenção. A cada detalhe, a cada barulho.

Mas seu entusiasmo inicial já tinha dado lugar ao sono há algum tempo e Idá tentava se manter acordado. O Tortinho permanecia aceso. Podia apostar que tinha gente jogando lá, apesar de já ser madrugada.

Se ainda fosse dia, dali daria para avistar também a barraca de sanduíches do seu Antônio e as ruínas restantes do incêndio de 1966. Mas, como já era madrugada, a única coisa que se podia ver com toda clareza na escuridão da noite estava alguns quilômetros à sua extrema direita: a estátua do Cristo Redentor, iluminada e esplendorosa, de braços abertos lá em cima, no topo do Corcovado.

Idá nunca entendera por que davam um nome diferente para o Corcovado se era exatamente o mesmo morro Dona Marta em que sua comunidade se encontrava. Talvez fosse para esconder a favela dos cartões postais da cidade.

Para Idá, continuava sendo o mesmo morro. O seu morro. Às vezes, em dias de marasmo, ficava observando a superfície de rocha

calcária que formava boa parte do Corcovado, e como ela mudava de cor dependendo do clima... marrom em dia ensolarado, roxo brilhante quando fazia sol após um dia de chuva... Ele adorava quando todas as nuvens da cidade eram atraídas para o topo da montanha e ficavam lá, atrapalhando a visão dos turistas. O céu limpíssimo em volta, e as nuvens todas cobrindo apenas a estátua do Cristo Redentor. Parecia de propósito, só para atazanar.

Idá ouviu um barulho e inclinou a cabeça para fora da laje. Era só o Caolho passando com sua escopeta.

O radinho chiou com a voz de Playboy,

*“E aí, Bruxo?”*

“Tudo limpeza”, respondeu o mais novo falcão do Dona Marta. Assim que as palavras saíram de sua boca, no entanto, Idá se encolheu por detrás da mureta ao notar a aproximação rápida de alguma coisa vinda do alto.

Não era um sinalizador, até porque ele teria ouvido o estouro.

Uma pipa, talvez? Mas àquela hora?

Idá forçou a vista, - o rádio a postos perto da boca caso precisasse soltar o alerta.

E então relaxou. Era apenas um pombo...

Mas... um pombo carregando um pacote?

Cerrando os olhos para ver melhor, confirmou: era, definitivamente, um pombo carregando um pacote. Mas não daqueles pombos-correio branquinhos e bonitinhos que se via nos filmes. Era pombo de rua mesmo, cinza e perebento.

Idá agachou-se a tempo de sair da linha de perigo e o pombo deu um rasante a centímetros de seu couro cabeludo, deixando o pacote cair a poucos metros de distância. Sem pousar, deu meia volta e foi embora.

Idá checou para ver se Caolho tinha ouvido alguma coisa, mas o traficante não estava mais lá. Deixando o rádio na mureta, foi ver o

que o pombo havia deixado cair.

Parecia um pacote daqueles de cocaína. Era mais ou menos do mesmo tamanho: o tamanho de um tijolo. Idá riu. Que maneira mais absurda de entregar o carregamento! O que tinha dado na cabeça dos fornecedores?

O pacote, no entanto, não estava embrulhado em fita adesiva como de costume. Receoso, Idá virou-o com o pé e levou um susto.

Em sua superfície, escrito com letras meticulosamente desenhadas, estava seu nome.

## CAPÍTULO 3

### COMO POMBO-CORREIO EM TIROTEIO

*supé* Idá Aláàfin Abiodun  
Favela Santa Marta,  
Morro Dona Marta  
Botafogo, Rio de Janeiro – Brasil

“Que palhaçada é essa?”, Idá se perguntou em voz alta, abrindo o envelope que viera grudado ao pacote e tirando de lá uma carta. Estava lacrada com um selo vermelho onde se lia as letras NKD, circundadas pela frase: *Barba non facit caragium* (o que quer que aquilo quisesse dizer).

Idá rasgou o selo com cuidado e leu:

***Sr. Idá Aláàfin Abiodun,***

*Mui respeitosamente, venho convidá-lo a se unir ao corpo discente da excelentíssima escola de bruxaria Notre Dame do Korkovado. Dentro do pacote, encontrarás a lista completa de materiais, especificações de uniforme e regras gerais da escola.*

*Espero que as cumpra.*

*As aulas começam dia 4 de março deste ano letivo.*

*Minhas sinceras saudações,*

**Ilma. Sra. Dalila Lacerda,**

*Diretora do Conselho Escolar e Administrativo (C.E.A)*

*01/03/1997*

*P.S.: Faltar à primeira semana de aulas é inadmissível.*

Idá riu. Só podia rir. Quem tinha sido o engraçadinho?

Virou a carta, procurando por alguma dica de quem teria planejado aquela piada ridícula. No verso, o mesmo selo com as letras NKD e um lembrete carimbado em azul:

*Lembramos que é terminantemente proibida a prática de magia fora do recinto escolar até que o aluno complete 18 anos.*

*(A proibição está sendo revista, em caráter preliminar, pelo comitê de assuntos escolares do Senado, pendendo votação no dia 16 de maio, segundo a qual decidirão por aumentar a maioria mágica para 20 anos, estendendo então a restrição da magia até esta idade.)*

Alguém tinha tido muito trabalho para pregar aquela peça nele.

A possibilidade de ser uma piada do Saori estava descartada. Idá desconfiava que o garoto não sabia sequer escrever o próprio nome, e que escondia isso dele por medo de perder o amigo. Daquele jeito nunca seria motorista de táxi. Muito menos astronauta.

Idá voltou a olhar para a caixa. Era coisa do Caiçara. Só podia ser.

*Bruxo não precisa de ferro não...*

Talvez houvesse até uma bomba dentro daquele pacote.

Idá deu um passo para trás.

A ideia de que Caiçara teria tido tempo de preparar uma armadilha daquelas em menos de um dia parecia absurda, mas era a

única que podia conceber. Bruxos não existiam. E ele certamente não era um.

Quem quer que tivesse sido o engraçadinho, Idá não se deixaria enganar por aquela porcaria. Não suportava que rissem de sua cara. E, quanto mais tempo permanecesse olhando para aquele negócio, mais ririam.

Lendo a carta pela última vez, Idá rasgou-a em pedacinhos, lançando-os lá embaixo, no matagal que circundava o barraco. Guardou apenas o pedaço em que seu nome estava escrito, para que ninguém descobrisse quem tinha sido o alvo da piada.

Voltou-se então para o pacote, decidido a enterrá-lo lá no pico. Assim não haveria qualquer risco de alguém abri-lo e detonar a granada – ou o que quer que existisse lá dentro.

Idá se inclinou para pegar o pacote maldito, mas uma rasteira o fez cair de cara no chão.

“Paradinho aê, pivete!”

Idá congelou, sentindo o cano frio pressionar contra sua nuca e o peso da bota imobilizar suas costas. Tentou ver quem segurava a arma, mas só conseguiu distinguir o uniforme da Polícia Militar. Seu coração ia explodir de tanto bater contra o chão de concreto.

“Tu vai contá pra gente onde o Vip se meteu, não vai?”

“Sei de nada, não, moço!”

“Ah, não sabe!” outro PM debochou, “Tadinho dele!”

Idá recebeu um chute no rim.

“Que foi, belezinha? Tá com medo?” Idá levou mais um chute.

“Tem medo não, né? Se tivesse, não tinha entrado pra bandidagem!”

“Eu não sou bandido!”

“Ah, não?”

“Não mais do que vocês!”, Idá retrucou antes que pudesse parar a própria língua.

Fez-se silêncio. Um silêncio assustador. Idá cerrou os olhos, esperando o pior. Como ele podia ter dito aquilo?

“*Tu enlouqueceu, foi, pivete? Tu enlouqueceu?!*”, o homem perguntou, dando socos repetidos em sua cabeça. A dor era tanta que Idá não conseguia mais pensar direito. “Quer que eu pare, pivete? Hein?”

“Pará por quê?” um outro perguntou, virando Idá e puxando-o pela camisa até a mureta. “Nós num somo bandido mesmo?”

“Não, não...” Idá tentou corrigir, “Não foi o que eu quis dizer-”

“ONDE TÁ O VIP?!” o mais marrento gritou, empurrando suas costas contra a mureta e jogando-o de volta ao chão.

Sem ar, Idá tentou arrastar-se para fora dali, mas uma mão empurrou seu peito contra o chão e ele ouviu um tiro tão próximo a seu ouvido direito que sua cabeça começou a latejar.

Com a arma ainda quente, o policial pressionou o cano contra seu pescoço e Idá se segurou para não gritar, sentindo o metal fritar sua pele. Estavam comentando algo sobre sua orelha, sobre ter sido apenas um arranhão... mas Idá já não conseguia ouvi-los direito - suas vozes afogadas pelo zunido em seu ouvido.

Virando seu rosto para o outro lado, sussurraram em seu ouvido bom, “*Pivete, se tu não disser onde o Vip tá enfiado, a gente vai atrás da tua mãe.*”

“Não!” Idá exclamou, tentando se desvencilhar.

“Ih, tô achando que o pivete sabe de nada mesmo não... Vamo pipocá esse aí logo, que é menos um bandido no mundo.”

“Tá sabendo que a gente ganha extra por cada bandido morto, né, mané?”

Idá estava sabendo sim. O que eles não sabiam era que, juntando a dor que sentia, a falta de ar, a ameaça contra sua mãe, as risadas, e aquele zunido irritante, a raiva de Idá já tinha mais do que ultrapassado seu medo, e, quando um deles virou-o de barriga para

cima e apontou a arma para sua testa, Idá o encarou com um olhar que transbordava ódio.

Eles pararam, receosos.

Ou seria amedrontados? Idá não sabia ao certo.

Os olhos do PM mais próximo de repente migraram de Idá para a arma que ele próprio segurava. Estava soltando fumaça. O policial começou a suar, sua mão avermelhando-se progressivamente até que, não aguentando mais, ele largou a pistola e se afastou de Idá como quem foge do demônio em pessoa.

Em poucos segundos, os outros também largaram suas armas e saíram correndo da laje, deixando Idá sozinho. E espantado.

O cheiro de queimado era inconfundível.

Idá tentou pegar a pistola que fora largada a seus pés, mas recolheu a mão. Estava quase pegando fogo de tão quente.

Atônito, ficou sem saber o que fazer ou pensar. Num minuto, ele estivera cercado de PMs enfurecidos; no outro...

Foi então que se lembrou da carta que jogara, tão estupidamente, amurada abaixo.

Será?

Idá correu até a mureta, mas os pedacinhos de carta já não estavam mais lá embaixo e ele se xingou de tudo quanto era nome. Como podia ter sido tão burro?!!

Inconformado, chutou a amurada e se virou, dando de cara com o pacote, que esquecera por completo. Lá estava ele, jogado num canto da laje.

E com um envelope intacto em cima. O mesmo envelope que ele rasgara e jogara fora alguns minutos antes.

Idá apressou-se em abri-lo outra vez. Dentro dele, a mesma carta, novinha em folha, como se nunca tivesse sido rasgada. Lembrando do pedaço que guardara com seu nome, meteu a mão no bolso, mas ele não estava mais lá.



Com um frio na barriga, fitou o pacote por alguns segundos, seu coração trepidando mais do que na presença dos PMs – se é que aquilo era possível.

Respirando fundo, Idá começou a abrir o pacote – camadas e mais camadas de papel que só serviram para aumentar sua ansiedade. Até que uma pequena caixa de madeira foi revelada, com dizeres coloridos no topo, conclamando:

*“Venha para a Nossa Senhora do Korkovado,  
a melhor escola de bruxaria do Brasil!  
Do Ensino Fundamental ao Ensino Profissionalizante  
em apenas dez anos!”*

Antes que Idá pudesse tocá-la, as diversas partes da caixa se abriram como pétalas de rosa, revelando uma infinidade de papéis, listas, brochuras, fotos e filipetas. Parecia mais um pacote de turismo do que qualquer outra coisa.

Idá desdobrou o primeiro papel. Continha uma lista de materiais e ingredientes que deveriam – Idá ignorava com que dinheiro – ser comprados até terça-feira: alambiques de vidro, fornalhas de calcinar, sementes de caá, sangue de yvyja’ú em pó, folhas de Ipadu, espadas de São Jorge em tiras... Na lista de uniformes, além de roupas que lhe pareciam um pouco quentes demais para o verão carioca, havia também pijamas e trajes de banho. Devia ter piscina lá dentro. A lista incluía itens opcionais como vassouras e pisantes, “para caso o(a) aluno(a) queira se inscrever na aula eletiva de Educação AntiFísica”.

O silêncio da noite foi quebrado por uma rajada de metralhadora e Idá se arrastou até a amurada, levando consigo o pacote e a mochila.

O tiroteio havia começado. Era possível ver os clarões lá de cima.

Idá não sentia qualquer remorso por não ter avisado da invasão pelo radinho. Vip não corria perigo algum; nem no Dona Marta ele

estava. O único que poderia se ferrar feio com seu silêncio era o Caiçara.

Tudo que Idá mais queria.

Era melhor sair logo dali, antes que os próprios traficantes viessem executá-lo pela traição.

Levando o pacote consigo, Idá se esgueirou para fora da laje, embrenhando-se na mata lateral. Lá estaria um pouco mais protegido, a não ser que a polícia estivesse fazendo uso da mata como entrada para a favela.

Sentando-se com as costas numa árvore, voltou a analisar o material que recebera. Estava um breu quase total, mas as brochuras e filipetas pareciam ter luz própria e Idá conseguiu lê-las com facilidade, apesar da escuridão.

Ainda podia ouvir o tiroteio rolando solto lá embaixo, mas não deixaria aquilo tirar sua concentração. O próximo papel continha a lista de matérias, horários e salas de aula. Defesa Pessoal devia ser um assunto interessante...

Mas isso ele lia depois, com mais cuidado. Agora não tinha muito tempo. Enfiando as duas listas na mochila, passou os olhos por algumas das brochuras, detendo-se numa que lhe parecia mais familiar.

Estava repleta de fotos de paisagens naturais que ele mais do que conhecia. Fotos tão perfeitas que pareciam até se mexer.

Idá sacudiu a cabeça. Devia ser o sono.

Abrindo a brochura, mais fotos, de lagos, bosques, escadarias, e uma torre que ele já vira antes. Bem no centro, em letras coloridas, a chamada:

*Para dias ensolarados, recomendamos o Parque Lage, localizado entre as encostas do morro do Corcovado e a rua Jardim Botânico. Um espaço para toda a família! Seu clima*

*agradável é apropriado para piqueniques e brincadeiras ao ar livre. Os portões se abrem às 17 horas.*

Às cinco da tarde? Pelo que Idá se lembrava, cinco da tarde era o horário de *fechamento* do parque, não de abertura.

*Construído pelos invasores Azêmolas em 1849, o Parque esconde muito mais do que simples passeios ecológicos. Recomendamos a torre do castelinho. Nosso guia especializado estará a postos para qualquer pergunta.*

PARQUE LAGE

Rua Jardim Botânico, 414  
Jardim Botânico – Zona Sul

Vasculhando rapidamente as brochuras restantes, escolheu a mais elaborada para ler em seguida. Parecia um daqueles catálogos de shopping de bacana. Com letras douradas e grafismos elaborados em papel bege, a capa dizia:

*ARCO CENTER, o melhor lugar para se comprar!*

*Bruxos e bruxas de todas as idades podem vir para o **Arco Center!** Entretenimento, compras, centro de alimentação e de artes para todos os gostos, e por um preço camarada!*

Preço camarada? Idá riu. Não entendia nada de ‘Coroas Reais’ e ‘Bufões de Prata’, mas os preços da listagem não pareciam nada convidativos. Pobre sabe quando uma coisa está cara, mesmo quando não entende nada da moeda.

Folheou o catálogo, passando por anúncios de lojas de roupas, departamentos de materiais profissionais, revendedores de vassouras

esportivas e duas páginas inteiras da *Dalila's Wear* – luvas, calçados e cachecóis, até chegar na seção de material escolar. Vassouras Halley, CR\$3.000,90, caldeirões da marca John Cookery, a partir de CR\$990,99, varinhas exclusivas da Wandéria, de CR\$549,99 a CR\$1.500,90...

Preço ‘camarada’. Tá certo. Se aquela loucura toda fosse mesmo verdade, Idá estava ferrado. Ia chegar na tal da escola vestindo bermuda e camiseta, com uma varinha chinfrin e um caldeirão de lata. Tudo que seu dinheiro podia comprar.

Não... Ele não sairia da favela para passar vergonha em outro lugar. Não mesmo.

Colocando tudo de volta no pacote, preparou-se para se levantar, e só então percebeu uma presença inusitada:

Uma ratazana imensa fitava-o, a um metro de distância. Levava na boca o que parecia ser... uma filipeta?

Idá riu - aquilo era demais pra ele - e se esticou para pegar o folheto da boca do bicho, que não ofereceu qualquer resistência e foi embora assim que entregou o que viera entregar.

Ao contrário das brochuras e catálogos do pacote, a filipeta definitivamente não tinha luz própria e Idá precisou forçar a vista para lê-la:

*SUB-SAARA – Para quem não quer gastar os olhos da cara!  
Sub-SAARA! Tudo por um Zero a menos! Satisfação garantida!  
Arcos da Lapa, nº 11. Centro.  
Rio de Janeiro, Brasil.*

Arcos da Lapa, nº 11? Ele já vira aquele endereço antes.

Vasculhando sua mochila, pegou a primeira carta novamente. No verso, carimbado abaixo do aviso azul sobre proibição de magia, estava um endereço para compras. O mesmo endereço.

Estranho... Uma escola não recomendaria um centro comercial pirata – e o tal do Sub-Saara tinha muita cara de ser pirata.

Idá analisou a carta com mais cuidado e riu, percebendo um leve borrão no número 11, onde antes houvera um 17. HA! Falsificação barata. Alguém havia adulterado o danadinh-

Uma explosão fez Idá se levantar no susto.

Recolhendo tudo na mochila, resolveu sair correndo para casa. Sua mãe devia estar louca atrás dele.

No meio do caminho, esbarrou em Caolho, que corria escadaria acima com um ombro ensanguentado. Ao ver Idá, lançou-lhe um olhar raivoso e berrou, “Por que tu não avisô, ceguinho de merda!”, continuando sua subida sem tirar o olho dele, ameaçador. “Depois tu vai se vê com o Caiçara!”

Era bom que aquela carta fosse verdadeira, porque agora Idá teria que sair da favela a qualquer custo.

“Onde tu tava, moleque!” sua mãe perguntou com lágrimas nos olhos, assim que ele entrou no contêiner, agarrando-o num abraço de quebrar os ossos. “Achava que tu tinha feito uma besteira e entrado pra bandidagem!”

“E tinha mesmo”, Idá confirmou, desvencilhando-se do abraço e indo acalmar a avó, que estava encolhida ao lado da cama, tentando se proteger de uma possível bala perdida.

Antes que Dandara pudesse falar qualquer coisa, Idá se retificou.

“Mãe, relaxa. Entrei, mas já tô pulando fora.”

Dandara emudeceu, como se tentasse processar a informação, e então suspirou aliviada, “Tu não sabe como tu me faz feli-”

“Eu fui convidado para um internato, mãe.”

Dandara fitou-o confusa, “Um quê?”

“Um internato, mãe. Uma escola onde os alunos ficam pra dormir.”

Pelo menos ele se lembrava de ter lido ‘pijama’ na lista de uniformes.

“É muito conceituada. De verdade.”

A confusão nos olhos de sua mãe levou apenas alguns segundos para dar lugar a um imenso orgulho. “Um internato, Idá?” ela perguntou, radiante. “Mas que troço chique é esse? Como te escolheram, filho?!”

“Eu mandei uma carta pedindo pra entrar. Eles viram as minhas notas do ano passado e me aceitaram”, ele mentiu, tirando a carta da mochila e passando-a rapidamente pelos olhos da mãe antes de enfiá-la no bolso da bermuda, sem dar tempo hábil para que ela lesse mais do que seu nome. Sua mãe não podia saber da verdade. Ela preferiria seu filho no tráfico de drogas do que envolvido com bruxaria.

“Mas quando tu tem que ir?”

“Agora mesmo. Tem que ser agora”, ele disse, abrindo uma gaveta onde guardava seu material escolar e enfiando na mochila os restos de caderno que sobrara do ano anterior.

“Mas internato, Idá... deve ser caro!”

“Recebi bolsa de estudo, mãe,” ele disse, e os olhos de Dandara brilharam ainda mais. O orgulho neles chegava a ser desconcertante. “Só não sei como vô fazê com os livros que tenho que comprá... mas isso eu resolvo depois.”

“Não não, pera aí!” ela disse, correndo empolgada para o fogão e retirando de trás dele uma latinha de alumínio. “Aqui,” Dandara tirou da lata um montinho de notas emboladas e algumas moedas, “pra comprá teus livro.”

“Mãe... mas essas são tuas economias!”

“Não vem com essa de bonzinho, que tu não é.”

E começou a enfiar as notas nos bolsos da bermuda do filho.

Idá observou-a entusiasmado. Não devia ter nem trezentos reais ali, mas talvez desse para comprar os itens básicos da lista.

Quando Dandara terminou de abarrotá-lo de dinheiro, os olhos dela se encheram de lágrimas e ela o abraçou com força. Um momento daqueles era tão raro entre os dois que Idá não soube nem como reagir a tanto carinho.

Enxugando as lágrimas com a alça do vestido, ela disse chorosa, “Vai, meu filho... vai logo antes que alguma coisa de ruim te aconteça.”

Era o grande otimismo da família falando: se ele conseguisse sair da favela sem tomar um tiro, já estaria no lucro.

Idá olhou para a mãe uma última vez e foi se despedir de quem mais faria falta enquanto estivesse longe – se é que algum dia voltaria.

“Bença, vó,” ele pediu, beijando-lhe a mão.

Mas o olhar de sua Abaya não estava transbordando de orgulho como o de Dandara. Era um olhar estranho, um misto de dever cumprido e cautela.

Certificando-se de que sua filha não estava olhando, Abaya tomou o rosto de Idá em suas mãos e sussurrou, “*Quanto maior o poder, maior a queda, Bruxo. Lembre-se disso.*”

Idá se arrepiou todo.

Não... Ela não sabia de nada. Não tinha como saber. A advertência era apenas um resquício da conversa anterior. Abaya sempre gostava de retomar suas conversas.

Percebendo a dúvida no rosto do neto, o olhar severo da avó se dissipou e ela sorriu. “Ah, Bruxo... Estou sendo muito dura com você. Aqui,” ela disse, tirando de uma gavetinha uma guia feita de contas vermelhas e brancas. “Guardei isso por muito tempo, na espera de que esse momento chegasse”, e pendurou o colar no pescoço de Idá, escondendo-o por debaixo da camiseta. “A guia de Xangô, pra te dá proteção.”

Com a mão, Idá sentiu a guia por debaixo da camiseta. Sempre quisera saber onde sua avó arranjava aquilo. As guias comuns eram

confeccionadas com pedras comuns ou madeira. Às vezes até plástico. Mas aquela não... Aquela era feita de rubis e quartzo. Uma preciosidade.

Preciosidade que agora era dele.

“Essa é uma guia muuuuito antiga, meu neto. De nossos antepassados. Passou de mão em mão por gerações, esperando alguém que realmente precisasse de proteção. Xangô manipula o fogo selvagem. O fogo que os homens não sabem utilizar”, Abaya prosseguiu. “Controla esse fogo dentro de você, menino, e estará protegido.”

Idá sabia algumas coisas sobre Xangô, das histórias que Abaya contava: Orixá dos raios, dos trovões, das grandes cargas elétricas, do fogo. Seu orixá favorito, apesar de não acreditar muito naquelas coisas. Gostava principalmente da cor que o representava: o vermelho. Vermelho escarlate, vermelho de sangue, de força, de poder.

“Vó,” ele perguntou, tentando esconder sua inquietação repentina, “A senhora disse que Benvindo perdeu seus poderes. Como foi?”

O sorriso da avó se dissipou e ela olhou-o com severidade. Abaya sabia que não era mera curiosidade de menino. De alguma forma, ela sabia.

“Benvindo foi traído”, sua avó respondeu. “Traído por aquele em quem mais confiava. Sua cidade saqueada. Ele e todos os seus futuros descendentes amaldiçoados a nunca mais fazerem magia. E Benvindo, vendido como mero escravo, sem poderes, sem vontade própria, veio parar aqui no Brasil. Um destino mais baixo que o de seus súditos. Trabalhou duro em uma fazenda por vários anos, foi alforriado pelo dono, mas em pouco tempo enlouqueceu. Passou o resto da vida tentando recuperar seu poder. Por essa ambição desmedida, morreu sozinho e infeliz. O poder não é tudo nessa vida, Bruxo,” ela disse, olhando fundo em seus olhos.



Por alguns segundos, Idá esqueceu do tiroteio, da invasão... até da escola de bruxaria. Hipnotizado por aquele olhar. Até que foram interrompidos por Dandara, que chegou com cadernos doados pela vizinha e algumas roupas mais arrumadinhas para o filho usar no tal do internato.

“Mãe, não precisa!” Idá disse aflito, levantando-se para impedi-la de abrir a mochila. Despedindo-se da avó com um beijo na testa, pendurou a mochila no ombro e saiu apressado.

“Volta aqui, menino!” a mãe gritou da porta, tentando vencer o som do tiroteio. “Onde é essa escola, meu filho!!? Pra eu podê te escrever!” Mas Idá já estava longe e fingiu não ouvir.

Descendo um lance de escadas, esgueirou-se por entre as ruas estreitas, tentando não levar bala. O Dona Marta tinha virado uma verdadeira zona de guerra. Moradores, em pânico, tentavam desviar das rajadas que estilhaçavam vidros, perfuravam a lataria, acertavam gente que não tinha nada a ver com o assunto.

“Ei, você!” alguém gritou atrás dele, e Idá tentou fugir, mas não tinha dado nem dois passos quando foi derrubado no chão e lançado contra uma parede. A mochila amorteceu o impacto.

Idá viu a caveira tatuada no braço antes mesmo de notar a farda preta do BOPE, a tropa de elite do Rio de Janeiro.

“Pirralho, tu vai me dizê *agora* onde tá o Vip!” o comandante gritou, apertando a pistola entre suas costelas.

“Que mané, Vip?! Eu sou estudante!”

Idá levou uma porrada na orelha ferida. “Uma ova que tu é estudante!”

“*Não Tá vendo a mochila, não?!*” Idá reclamou, levando a mão à orelha. Mas aquele papo de estudante não ia colar, nem que ele fosse mesmo um estudante. Afinal, todos numa favela, teoricamente, sempre sabem onde se esconde o líder do tráfico.

Para sua infelicidade, as armas do BOPE não estavam queimando espontaneamente, como as da PM haviam feito. Talvez porque eles tivessem começado a chutar seu estômago com tanta força que ele não conseguia sequer respirar, muito menos fixar seus olhos nelas – o comandante gritando ameaças encantadoras em seu ouvido.

Foi então que Idá viu, de canto de olho, Caiçara se esgueirando por detrás dos policiais, tentando escapular de fininho por uma outra viela.

“ALI!” Idá gritou sem hesitar, apontando para o bandido, que fixou-o com um olhar assassino antes de disparar escadaria abaixo. “É aquele ali que vocês procuram! É ele! Ele é o cara!”

Os policiais bateram em disparada atrás de Caiçara, deixando Idá estatelado no chão, tentando recuperar o fôlego.

Todos, menos um. O único PM do grupo, que ficara para trás “vigiando”.

Idá tentou se levantar, mas suas costelas doíam, e ele foi obrigado a recostar-se no chão novamente.

“Onde tu pensa que vai, princesa?” o PM provocou. “Tá querendo ir embora, é? Sem problema! Vamo vê o que tu tem pra mim”, e começou a apalpar os bolsos da bermuda do garoto sem qualquer cerimônia. “Ih! Olha só isso aqui!” ele riu, esvasiando os bolsos de Idá e enchendo os seus próprios. “Assaltou um banco, foi?”

Sentindo um ódio mortal, Idá engoliu o protesto na garganta. Não era maluco.

“Fica chateado não, moleque,” ele disse, piscando para ele e se levantando. “Policial também tem que ganhá a vida, sabe como é né?” e chutou-o mais uma vez antes de sair correndo por entre os barracos.

Idá se levantou, sentindo raiva de tudo e de todos naquele morro. Ainda bem que estava indo embora dali.

Mancando e ainda tentando respirar, escolheu o único caminho pelo qual os policiais não haviam entrado.

O barraco do Saori estava trancado contra a invasão, e a boca-de-fumo, agora deserta, não continha mais qualquer traço de droga. Logo ao lado da boca ficava o barraco do Caiçara – um super mega barraco de seis cômodos e dois andares, construído com o dinheiro do tráfico. Dava vontade de entrar lá e por fogo naquilo tudo.

A porta escancarada era muito convidativa. Caiçara claramente saíra de lá às pressas por causa do tiroteio.

Idá não era maluco de começar um incêndio na favela, mas... Não vendo ninguém na rua deserta, entrou no barraco e fechou a porta atrás de si.

Doido... completamente enlouquecido.

Pensando bem, Caiçara seria roubado de qualquer maneira, cedo ou tarde. Se não fosse por ele, seria pela polícia.

Apressado, começou a vasculhar as gavetas do barraco.

Não demorou muito a encontrar o que queria: quinhentos reais, atrás do armário. O resto Caiçara levava consigo, ou escondera em lugares menos óbvios.

Tomando o cuidado de dividir a bolada entre os bolsos da bermuda e a mochila (para caso topasse, de novo, com a polícia), espiou pela janela para checar se a barra estava limpa e abriu a porta.

Foi então que viu algo que não esperava: a moeda da sorte de Caiçara, caída no chão a seus pés. Aquela moeda que ele nunca largava, por dinheiro nenhum no mundo.

Com imenso prazer, Idá enfiou a moeda no bolso e saiu correndo antes que alguém o visse ali. Disparou pelas vielas sem parar para nada, sem ajudar o garotinho perdido no meio do tiroteio, sem se esconder do bando de traficantes que viu passando a alguns metros de distância, sem nem sequer olhar para trás. E então lançou-se na mata lateral, quase despencando morro abaixo, no que era, no momento, o caminho mais seguro para fora do Dona Marta.

Tentando manter-se de pé durante a íngreme descida, foi ganhando cortes e arranhões pelo caminho, mas aquilo pouco importava. Seriam apenas algumas cicatrizes a mais em sua vasta coleção. O certo era que precisava sair o mais depressa possível daquele lugar. Já tinha arranjado inimigos demais para uma noite. Se aquela carta fosse falsa, estaria mais do que ferrado. Estaria morto.

Quando Idá, finalmente, chegou lá embaixo e adentrou a rua de classe média que beirava a favela, sua mochila estava quase em frangalhos. Sem parar para descansar, saiu correndo em direção à praia de Botafogo, que o levaria ao aterro do Flamengo, que, por sua vez, desembocaria no Centro da cidade e no bairro da Lapa, onde talvez, se aquilo tudo fosse verdade, ele encontraria a entrada para um mundo novo, sem favelas ou bandidos, sem pobreza ou fome – afinal, se bruxos existiam mesmo, deviam ter poder suficiente para criar comida e dinheiro.

Idá correu por quilômetros e quilômetros sem diminuir a velocidade. Nem sabia que podia correr tanto. Só parou ao chegar na praça das fantasias, que o levaria até os Arcos, de onde avistaria os primeiros bruxos e conheceria o Ser pálido e estranho que se apresentaria como:

“Lázaro Vira-Lobos, mas pode me chamar de Mosquito. A quem devo a honra de ter ajudado?”

Apertando sua mão fria, Idá juntou o sobrenome de seu escritor favorito à cor poderosa de seu orixá e disse sem pestanejar,

“Hugo Escarlata. A seu dispor.”

E então foi empurrado, sem cerimônias, para dentro do Arco.

## CAPÍTULO 4

### SUB-SAARA

Hugo caiu. Caiu sem parar. Caiu como se não tivesse mais nada lá embaixo, num breu total, entrecortado apenas por espasmos de luz onde se viam resquícios de salas e cômodos. E então apagou.

Quando abriu os olhos novamente, estava estatelado num chão de terra. A cartola rolara para longe. Virando-se de lado, tentou se levantar, já fechando os olhos à espera de uma pontada de dor que nunca veio. Por incrível que pudesse parecer, não havia quebrado nenhum osso, nem contundido qualquer músculo com a queda.

Ainda um pouco tonto, viu que se encontrava num corredor de teto arredondado, feito de grandes pedras-pomes. Pregada na parede à sua frente, uma seta apontava: *Sub-SAARA – Onde o sol nunca se põe!*

Então era ali mesmo.

A temperatura no novo ambiente era mais amena do que a fresca noite que deixara para trás. Pela luz morna que emanava da entrada do túnel, parecia que ali já era dia! Seria possível que fosse o sol?! Tão abaixo da superfície?

Ao longe, era possível ouvir o burburinho de pessoas conversando. Muitas pessoas. Recolhendo a cartola do chão, Hugo ajeitou-se o máximo que pôde antes de seguir as vozes.

Seus primeiros passos para fora do túnel foram tímidos. Era difícil ficar impassível diante do mundo que se descortinava à sua frente. O túnel se abria numa rua abarrotada de gente. Uma rua ao ar livre. Com direito a sol de 30 graus e um céu sem nuvens, apesar de estarem quilômetros abaixo da terra.

Tentando disfarçar o choque, Hugo entrou na rua fingindo naturalidade, com a segurança de quem já havia passado por ali milhares vezes. Tentaria ao máximo não deixar a boca abrir demais ou os olhos se arregalarem com qualquer coisa que pudesse parecer completamente natural para um bruxo; como a vassoura tentando voar sozinha para fora da loja *Piaçava & Cia – Artigos para Voo*, ou a vitrine repleta de bizarrices do *Apotecário do Seu Georg – Tudo por menos de 10 bufões*.

Era quase impossível se mover em meio a tanta gente. O Sub-Saara era um labirinto de ruas e ruelas; um verdadeiro formigueiro. Lojas e vendedores para todos os lados, numa competição para ver quem conseguia atrair mais clientes no grito, anunciando promoções e esfregando seus produtos na cara de todo bruxo distraído que passasse, tudo ao som da Rádio Sub-SAARA, que soava por todo o mercado, anunciando promoções, tocando *jingles* improvisados, enfim, uma bagunça sonora.

Pessoas vestidas nos estilos mais estranhos passeavam pela ruas, com bolsinhas de moeda nas mãos e saquinhos de compra flutuando logo à frente, comprando, pechinchando, entrando em discussões com os vendedores ou quase se estapeando pelos últimos itens em promoção. Volta e meia alguma mercadoria pegava fogo.

Nem todos vestiam mantos espalhafatosos como aquele bruxo mais velho na Lapa. Muitos sim, mas a maioria ainda parecia estar vivendo em séculos passados, vestindo o melhor da moda europeia de várias épocas distintas – principalmente os homens, com suas calças pinçadas, seus coletes, gravatas, sobretudos e cartolas. Alguns pareciam barões franceses da época do Corcunda de Notre Dame, outros estavam mais para lordes ingleses da Revolução Industrial. Uma bagunça. Como podiam aguentar o calor que estava fazendo ali?

Já as mulheres eram um pouco mais modernas, apesar de algumas ainda usarem os vestidos pesados de antigamente, com direito a

corpete e tudo; como se a pompa das roupas pudesse disfarçar a falta de educação que algumas demonstravam na hora de conseguir o menor preço pela caixinha de búzios autênticos de cartilagem de dragão chinês. A última do estoque.

Em um painel de Volta às Aulas, ao lado de uma das várias livrarias, estava exposta a lista de livros didáticos da Korkovado para aquele ano. Eram dez cartazes ao todo: três para o Ensino Fundamental (1a, 2a e 3a séries), quatro para o Ensino Médio (1a, 2a, 3a e 4a séries) e mais três para o Ensino Profissionalizante (1o, 2o, 3o, 4o, 5o e 6o semestres), onde se encontravam os livros com os títulos mais complicados.

A escola havia esquecido de enviar as listas pelo correio. Isso explica as muitas mães se acotovelando para conseguirem ler e anotar seu conteúdo antes de todas as outras. Hugo aproveitou para fazer o mesmo, escrevendo tudo em seu velho caderno de escola, logo após a última equação de segundo grau que esperava ter feito na vida (visto que não havia livro algum de matemática naquela lista):

*LIVROS DIDÁTICOS para a 1ª SÉRIE do ENSINO FUNDAMENTAL:*

- Feitiços e Feitiçarias 1 (467ª edição), de Cassildis da Silva*
- Ética na Magia – O que não fazer com uma varinha e como evitar más companhias e maus pensamentos (9ª edição), de Amos Lazai-Lazai*
- História da Magia Europeia – de 10.000 a.m. a 8.500 a.m., de Pompeu Romano*
- De Lua – A astrologia como nunca se previu, de Antares de Milo*
- Astronomia e seus Segredos, de Dalva de Milo*

– *Leis da Magia e como quebrá-las (25ª edição) de Tobias Guerreiro Filho*

– *Segredos da Alquimia Moderna: Alquimia Bruxa, Módulo I, de Âmpola Silveira*

– *Tudo tem Cura, de Basílico Minster*

Hugo olhou novamente para o alto, sem conseguir entender aquele céu azul. Voltou a tempo de desviar de dois jovens que se acabavam de tanto rir perseguindo um terceiro, alto e loiro, que segurava uma varinha fora do alcance dos outros dois. O dono da varinha roubada voltou-se para Hugo e ergueu a mão em sinal de desculpas antes de continuar a perseguição.

O que mais havia ali era adolescente. Eles se vestiam mais à vontade do que os adultos, mas Hugo gostava mesmo era das roupas de época. Impunham respeito.

Aquela sua preferência só servia para deixá-lo ainda mais consciente de suas próprias vestimentas. Bermuda e chinelo de dedo não eram as maiores novidades da moda parisiense. Pelo menos uma coisa naquela baderna era positiva: tornava quase impossível alguém notá-lo no meio de tanta gente.

Hugo precisava descobrir quantos Reais compravam uma Coroa Real. Seu sexto sentido lhe dizia que aqueles 500 reais do Caiçara não serviriam para muita coisa. Certamente não conseguiria comprar frivolidades, como o kit Glasgow de limpeza de varinhas ou a pena de escrever ativada à voz.

O que mais dava dó de não comprar eram os Pisantes: botas lindas, algumas de couro marrom, outras de couro preto. Várias tiras serviam para prendê-las bem seguras aos pés dos usuários, e o motivo de tanta segurança era simples: das laterais de cada bota saíam asas magníficas, de diferentes tamanhos e cores, dependendo do modelo.



As asas tinham vontade própria (para o desespero do vendedor anão, que era obrigado a acorrentar seus produtos à vitrine a fim de que não saíssem voando para fora de seu alcance). O Pisante era, sem a menor sombra de dúvidas, o astro-Rei entre os mais jovens. Eles babavam contra o vidro pelo modelo novo, feito com asa de águia andina. Vassouras voadoras pareciam ser coisa antiga. Ultrapassada já.

Hugo se desgrudou da vitrine e levou um susto ao se deparar com um gorducho de avental, que saíra da lojinha ao lado berrando “*Olha a varinha! Olha a varinha! Varinha melhor não háááá!!! Varinhas de madeira, varinhas de estanho, varinhas de feeeeerro!*”

E não era só ele gritando, era *todo mundo*.

“*Compartimento para Orcruuuuzes! Divida sua aaalma!!!!*”

“*Olha o pó veeeeerde! Viaje mais rápido que o viziiiiinho!*”

Anúncios disfarçados de aviõezinhos de papel voavam por todos os cantos, tentando atingir possíveis compradores. Hugo conseguira desviar de um, mas não do próximo, que atingiu sua testa em cheio, abrindo-se numa filipeta da loja *Rei Zulu – Vendedora de caldeirões africanos e outros artigos de couro e couraça desde 1780*. Ao lado da chamada, a foto dos donos: três africanos esbeltos, de uma postura quase mística, vestidos em trajes tribais africanos. As figuras na foto se mexiam. Demonstravam com delicadeza como utilizar um caldeirão de couro de dragão, à venda por 12 coroas reais.

Os caldeirões e equipamentos de Alquimia eram os objetos mais caros, depois das varinhas. Mesmo sem ter muita noção monetária das coisas, Hugo já tentava fazer contas mentais: O que precisaria comprar primeiro? O que poderia ficar por último caso não sobrasse dinheiro? Será que eles aceitavam Reais ali? Com certeza não conseguiria comprar os quatro conjuntos de uniforme que a lista da escola pedia.

Talvez um, no máximo, e dois coletes de cores diferentes para disfarçar.

Hugo parou em frente a um brechó. Lá dentro, apenas um balcão e um único cabideiro com capacidade para, no máximo, dez roupas. Tudo parecia caro demais...

“Que maravilha!!!” uma velhinha simpática exclamou do outro lado da rua. Ela era magra, de cabelo curtinho, branquinho e despenteado, e tinha um brilho de alegria no olhar que Hugo jamais vira em ninguém antes.

E parecia estar vindo em sua direção.

Sim, estava.

“Olhe só, Margarida, a vestimenta desse jovem! Não é moderna?”, ela chamou a acompanhante, virando Hugo para lá e para cá como se ele fosse um boneco, abrindo sua fantasia de mágico e tocando a bermuda e a camiseta com entusiasmo de criança.

Hugo olhou para os lados em pânico, mas sua invisibilidade não fora comprometida. Ninguém dera atenção ao escândalo da velhinha.

Margarida, uma mulher um pouco mais jovem, muito mais gorda e nada radiante, chegou de má vontade e olhou para Hugo de cima, como se ele fosse um inseto esmagável. A antipatia foi mútua.

Percebendo a cara fechada da amiga, a velhinha se espantou. “Que foi? Não é moderno, não?”

Margarida fez um longo e demorado ‘não’ com a cabeça, como quem explica algo muito óbvio para uma criança um pouco lerda de pensamento.

O olhar confuso da velhinha logo deu lugar a um sorriso peralta, “Ah, então precisamos ajudar esse belo rapaz a escolher roupas novas!” ela completou, agarrando Hugo pelo braço e praticamente arremessando-o para dentro do brechó.

A amiga revirou os olhos e preferiu ficar do lado de fora.

“Então, o que acha desse aqui?” a velhinha perguntou toda feliz, tirando do cabideiro um manto verde-musgo horroroso.

Hugo fez careta e ela arregalou os olhos, “Não??? Mas é lindo! Tem certeza?!”

Hugo tinha certeza. Era a roupa mais feia da loja, com estrelinhas cintilantes costuradas em todas as extremidades. Um pesadelo.

“Ah, tudo bem então”, ela disse, não parecendo nem um pouco afrontada, e olhou para o dono da loja, “Pode embrulhar mesmo assim.”

O dono, um bruxo atarracado e emburrado, levantou-se do balcão e começou a preparar o pacote com muita má vontade. Ela sorriu para Hugo, “Vou levar pro meu neto. Ele vai adorar o presente.”

Coitado do neto.

“Então...” ela continuou, passando os olhos pelo cabideiro, “que tal esse aqui?” E puxou para frente um manto negro, lindo. Analisando-o melhor, fez uma careta, “Ah, esse é muito sem graça.”

“Não, não! Esse é perfeito!” ele apressou-se em dizer, e a velhinha se empolgou. Começou a puxar roupa atrás de roupa.

Hugo experimentou tudo que tinha direito: mantos, coletes, sapatos, meias, camisas, gravatas... era interminável o que podia sair de um único cabideiro – as roupas surgiam do nada! Enquanto isso, a pilha a comprar não parava de crescer no balcão. Quatro mantos negros, quatro coletes de cores diferentes, gravatas, algumas roupas de sair, daquelas bem século-anterior, e vários sapatos. Hugo não conseguia acreditar na própria sorte.

O vendedor já havia desistido de arrumar uma por uma, e estava esperando emburrado num canto a hora em que poderia embrulhar tudo de uma só vez com um movimento simples de varinha. Vendedor esquisito... Parecia até que não queria vender!

Ou talvez não quisesse vender *para ela*.

Também, pouco importava. Hugo tinha achado uma benfeitora maluquinha que estava disposta a comprar um guarda-roupa inteiro para ele. O resto era detalhe.

“Pode comprar botas também?” ele perguntou na maior cara de pau, apontando um par lindo numa prateleira lá em cima.

Os olhos da velhinha brilharam ainda mais. Ela tirou uma longa varinha azul cintilante da manga de seu manto lilás e fez o par de botas voar até o topo da pilha no balcão.

Então, dando a compra por encerrada, despediu-se de Hugo muito contente e saiu toda saltitante pela rua, com sua amiga logo atrás, tentando acompanhar o passo. Simples assim. Ela nem perguntara seu nome!

Hugo olhou com prazer para a pilha de roupas que agora era sua. Seus olhos desceram para o vendedor, e a cara de tédio total do homem fez seu coração dar um salto: Ela não pagara a conta!

Vendo o desespero em seus olhos, o homem bufou e tocou a ponta da varinha na pilha de roupas que, ao invés de saírem voando de volta para seus respectivos lugares, começaram a se auto-embrulhar.

Hugo olhou incrédulo para o homem, que deu de ombros. “Deixa pra lá. Sua *Alteza* sempre se esquece de pagar”, ele resmungou. “Depois eu acerto a conta com o neto. É sempre assim.”

Que o neto pagasse então.

Feliz da vida, Hugo saiu da loja já vestido como um verdadeiro bruxo, levando uns 10 quilos de sacolas nas costas e um sorriso no rosto. Ninguém poderia sequer imaginar que aquele bruxinho bem-arrumado, andando seguro pelas ruas tumultuadas do mercado, acabara de descobrir o que era.

“Moça,” Hugo chamou, parando uma jovem bruxa em seu caminho. “Onde posso encontrar a casa de câmbio?”

Ela sorriu simpática e apontou uma lojinha um tanto espalhafatosa na esquina. Era cheia de enfeites, que iam do decente ao grotesco,

pendurados na porta, no balcão, no teto...

Assim que ele entrou, uma minicoruja de marfim, grudada à porta, soltou um berro assustador para avisar seu dono sobre o novo cliente. Hugo lançou um olhar de afronta contra a coruja que, para sua surpresa, respondeu com uma careta mal-educada antes de se retrair para dentro da caixinha de onde havia saído.

Recompondo-se, Hugo procurou pelo trocador e encontrou-o debruçado em frente a uma pilha de moedas de ouro. A seu lado, uma pena automática fazia as contas necessárias enquanto ele apenas conferia os resultados, compenetrado. Hugo tentou espiar por cima dos ombros do homem, mas este se virou de repente, encarando-o com um olhar de acusação nem um pouco agradável.

Analisando o intruso de cima para baixo, o homem relaxou, percebendo que se tratava apenas de um menino bem aprumado, certamente de uma família bruxa muito respeitável.

“Preciso trocar dinheiro.”

“Sim, claro. Por que mais estarias aqui?” o homem sorriu e levantou-se, escondendo o papel com a contabilidade no bolso e criando uma bolha de proteção ao redor das moedas antes de prosseguir para a sala ao lado. “Espere aqui.”

Como que lembrando de algo muito importante, o trocador virou-se, apontando para cima. “Nem pense em fazer qualquer gracinha”, e fechou a porta.

Hugo olhou para o alto e viu, espalhados por todos os cantos do teto, inúmeros duendes de bronze. Todos congelados em posições lúdicas, pendurados em trapézios, ou escalando a parede... e todos, sem exceção, olhando para ele. Era um tantinho intimidador. Se fossem como a coruja de marfim da entrada...

Por via das dúvidas, Hugo ficou parado onde estava até que o trocador voltou com uma cartola comprida, de listras vermelhas, brancas e azuis.

“Então, menino,” ele sorriu, estendendo-lhe a velha cartola, com a abertura para cima, “Cadê a bufunfa?”

Desconfiado, Hugo pegou apenas metade de seu dinheiro e começou a jogá-lo lá dentro.

“Eh eh eh, essa não,” o trocador disse, retirando do chapéu a moeda da sorte do Caiçara e olhando desconfiado para Hugo, “Isso seria algum truque?”

“Truque?”

“É, truque, espertinho.”

“Não, não. Não é truque nenhum!” Hugo se defendeu, ofendido.

“Acho bom”, o homem disse, ainda com um pé atrás, e então, socou o tampo da cartola para cima, virando-a do avesso, de modo que a base transformou-se no topo, e a cobertura ficou para embaixo.

Mas nenhuma moedinha caiu no chão, nenhuma nota, nada! A cartola estava vazia!

“Ei!” Hugo protestou, tentando arrancar o chapéu das mãos do homem para reaver seu dinheiro. Mas o trocador afastou a cartola de seu alcance.

“Calma, calma, garotão! Dinheiro não desaparece assim, não!”

“No Rio de Janeiro desaparece.”

O homem riu e virou o chapéu para que a borda voltasse a ficar no topo. Enfiando a mão lá dentro, começou a retirar moedas de ouro e de prata de onde antes não havia absolutamente nada, organizando-as em pequenas pilhas no balcão.

Quinze de ouro, 20 de prata. Conta final.

Aliviado com a reaparição de seu dinheiro, Hugo pegou uma das moedas de prata e riu da ironia. Então *aqueles* eram os tais bufões de prata. A *graaande* moeda da sorte de Caiçara era apenas uma entre milhares! Isso era bom demais para ser verdade. Adoraria ver a cara de decepção do canalha caso algum dia ele descobrisse. Isso se o bandido

ainda estivesse vivo ou capaz de expressar qualquer tipo de pensamento coerente depois do BOPE ter sentado a mão nele.

Enfiando nos bolsos as moedas de prata, pegou uma de ouro na mão. A Coroa Real era um pouco menor e tinha, estampada em sua face, a figura de uma velhinha com um olhar meio adoidado. Embaixo, a inscrição “Maria I” em letras góticas.

Seria Maria a Louca, Rainha de Portugal?

Se fosse, então o gordo bonachão dos bufões de prata devia ser Dom João VI, filho de Maria, Rei do Brasil. Por isso Hugo tivera a sensação de já tê-lo visto antes. Pelo menos para alguma coisa as esparsas aulas de história brasileira que tivera na vida serviram.

Hugo riu. “Coroa” e “Bufão”. Nomes apropriados para moedas que retratavam uma velha caduca e o cara mais sem-noção que já governara um país na história do mundo.

“Dom João era bruxo?” Hugo perguntou, colocando o resto das moedas no bolso.

“Não. Mas vejo que você é dos meus”, ele sorriu. “Eu também acho um absurdo. Colocar um Fiasco desses em uma de nossas preciosas moedas. Vai entender.”

“Fiasco?”

O homem lançou-lhe um olhar torto e Hugo percebeu que havia acabado de arruinar seu disfarce de puro-sangue. A contra-gosto, o trocador explicou, “Fiasco é como chamamos filhos de bruxos que nascem sem magia. Há outros termos por aí, mas esse é o mais usado.”

Tá. Azêmolas eram não-bruxos, Fiascos eram Azêmolas com pais bruxos. Vira-latas eram bruxos com pais Azêmolas.

“Então Maria a Louca era bruxa.”

“Das melhores”, o trocador completou, estufando o peito de orgulho, como se Maria I fosse mais Rainha dele do que de seu cliente vira-lata. “Não é todo dia que a comunidade bruxa consegue colocar

um dos seus no trono de um Império. Pena que acabaram com a sanidade mental dela quando descobriram. Aqueles carolas ignorantes. Azêmolas também podem ser cruéis.”

A coruja de marfim deu outro berro lá na frente, fazendo Hugo derrubar, no susto, as últimas Coroas que estivera prestes a enfiar no bolso. Uma família inteira entrou na loja, junto a mais alguns outros bruxos meio esquisitões.

Levemente em pânico, o trocador voltou a olhar para Hugo, agora com certa pressa. Não queria gente estranha perambulando em seu estabelecimento sem que ele estivesse por perto para vigiar.

Hugo tirou a mochila das costas e pegou a outra metade da grana do Caiçara, jogando tudo dentro do chapéu.

“Aha!” o homem exclamou entusiasmado, fazendo toda a rotina de virar o chapéu do avesso e depois de ponta-cabeça. “Eu sabia que tinha mais prata nessa casa!” e tirou as novas moedas, empilhando-as no balcão.

10 de ouro, 14 de prata.

“Só isso???” Hugo quase gritou, sentindo-se roubado. Eram cinco coroas e seis bufões a menos do que recebera na primeira troca!

O homem deu de ombros, “A cartola tá mal-humorada. Já mudou de cotação três vezes hoje.”

“Isso é *roubo!*”

Ele riu, “Você precisava ter visto isso aqui na época do Collor. Era uma confusão.”

“Quem foi Collor?” um dos menininhos na fila perguntou, e seu pai sussurrou a resposta como se fosse crime, “*Um presidente azêmola...*”

“Azêmola com A maiúsculo!” o trocador completou com desprezo, mas Hugo não se convenceu. Aquela história de cotação estava muito mal contada.